



CORPOCONSCIÊNCIA

A Revista Corpoconsciência é uma publicação da FEFISA - Faculdades Integradas de Santo André - Rua Clélia, 161 - Vila Pires - Santo André - SP - Tel. 4451.0700 - email. revista@fefisa.com.br, sob a responsabilidade de Arte & Manha Serviços Ltda-ME - Santo André - SP - Tel.: 4426.8419.

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Prof. Dr. Edgard Matiello Junior (UFSC)
Prof. Dr. Fernando Mascarenhas (UFG)
Prof. Dr. Julio Cesar Serrão (USP)
Prof. Dra. Maria de Fátima Ferreira Queiroz (UMESP)
Prof. Dra. Mônica Glória Neumann Spinelli (UMC)
Prof. Dr. Ricardo Ricci Uvinha (USP)
Prof. Dr. Victor Andrade de Melo (UFRJ)
Prof. Dra. Tereza Luiza de França (UFPE)

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Fabiana Cotrim (Mtb - 28.558)

COMISSÃO EDITORIAL EXECUTIVA

Prof. Ms. Sandra Maria Tedeschi
Prof. Dr. Waldecir Paula Lima

DIAGRAMAÇÃO E REVISÃO

Luiz Antonio de Arruda Lucena

SECRETÁRIA DA REVISTA

Grace Kelly Camargo

**Revista Corpoconsciência. Publicação da Fefisa Faculdades Integradas de Santo André
vol.10 - n. 1 , jan/jun 2006 Santo André (SP): Fefisa, 2006.**

Semestral

Apresenta bibliografia

Resumo em inglês e português

ISSN 1517-6096

I. Esporte - Saúde - Lazer

**CDD 613.7
338.4791**

Proibida a reprodução parcial ou total por qualquer meio de impressão, em forma idêntica, resumida ou modificada, em língua portuguesa ou qualquer outro idioma.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Fabiana Cotrim 11

PONTO DE VISTA

Formação em educação física e a atenção à saúde: um aprofundamento curricular
Luiz Mochizuki 15

ARTIGOS

Feliz na contemporaneidade: saúde e estética no discurso de VEJA
Mellyssa da Costa Mól e Giovani De Lorenzi Pires 23

Princípios da orientação espacial humana
Franklin de Camargo Junior 41

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

A contribuição da fita na prática do grafismo em crianças de 5 a 7 anos
Joyce Moura José Pin e Claudia Stefanini 59

PRODUÇÃO ACADÊMICA

Qualidade de vida e avaliação física em intoxicados por mercúrio: estudo observacional transversal descritivo
Fabrizio Boscolo Del Vecchio 75

Lazer - Meio ambiente: em busca das atitudes vivenciadas nos esportes de aventura
Mirleide Char Bahía 79

RESENHA

Resenha do livro: viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza
Ricardo Ricci Uvinha 83

Normas de publicação da revista *Corpoconsciência* 91



PRESENTATION

Fabiana Cotrim 11

POINT OF VIEW

Graduation in Physical Education and the attention about the health: how to deepen on curriculum
Luiz Mochizuki 15

ARTICLES

Happy in the contemporariety: health and esthetics on the VEJA discourse
Mellyssa da Costa Mól and Giovani De Lorenzi Pires 23

Principles of human spatial orientation
Franklin de Camargo Junior 41

SCIENTIFIC INITIATION

The ribbon contribution in handwriting of childrens that are 5-7 years old
Joyce Moura José Pin and Claudia Stefanini 59

ACADEMIC PRODUCTION

Life's quality and physical avaliation in persons poisoned by mercury: a study descriptive and of the observation
Fabricio Boscolo Del Vecchio 75

Leisure - Environment ambient: in search of tried attitudes in the adventures sports
Mirleide Chaar Bahia 79

REVIEW

Review of the book: Trips, leisure and sports: the nature space
Ricardo Ricci Uvinha 83

Norms of publication of the *Corpoconsciência* journal 91



O ensino de Educação Física, a beleza, a saúde e o turismo, voltam às páginas da revista *Corpoconsciência*, organizada pela FEFISA. As questões abordadas, mas do que estudos científicos e de profissionais da área, ressaltam a importância da seriedade no estudo do corpo. A busca pela beleza, pela perfeição e mesmo o ensino escolar da Educação Física requerem preparo pedagógico e evolução constante. Cabe às instituições de ensino estarem preparadas para orientar os profissionais que atuarão em Educação Física e Turismo. A responsabilidade destas escolas, conforme aumenta a preocupação e o profissionalismo na área, torna-se essencial para a orientação dos novos docentes e os alunos de todos os níveis, os temas são agora questão também de saúde.

A abertura da revista cabe ao coordenador do Bacharelado em Ciências da Atividade Física da Escola de Artes, Ciências e Humanidades EACH- Campus Leste, Universidade de São Paulo, Luiz Mochizuki, que destaca o movimento humano em seu Ponto de Vista titulado "Formação em Educação Física e a Atenção à Saúde: Um Aprofundamento Curricular". No estudo há uma busca pela sistemática de explicações para compreender a coordenação e o controle motor.

Da mesma forma que a saúde é um aspecto a ser explorado, o esporte e treinamento esportivo, a atividade física enquanto componente cultural ou lúdico, ou pedagogia do movimento humano, entre outros, também são aspectos que mereceriam o mesmo tipo de tratamento e aprofundamento. Ao se constituir tais núcleos, a formação em educação física ganharia em aprofundamento, em contrapartida da perda da unicidade na sua formação profissional. Ao eleger a atividade física e saúde como foco principal de atuação, ao adotar como perspectiva pedagógica o ensino baseado na resolução de problemas e na elaboração de projetos, e respeitar a formação específica original da educação física, indicamos uma diferente perspectiva para um curso na área da educação física. No texto, a questão da saúde também é levantada, assim como o papel do esporte e atividades físicas para o equilíbrio do corpo.

A preocupação com a beleza já ultrapassou os espelhos. O tema já ocupa capas de revistas, programas de televisão e até as "rodinhas" de alunos dos colégios. As revistas dedicam páginas e páginas a discutir fórmulas, novidades e outras questões. Nas bancas é possível encontrar a beleza distribuída para todas as faixas etárias e gênero. E, como não poderia deixar de ser, na *Veja*, a principal revista semanal do país, o tema foi um dos destaques, tendo sido abordado em 32 edições do período de outubro de 2004 a maio de 2005, além de ter ganho uma edição especial.

A jornalista e licenciada em Educação Física pela UFSC, Mellyssa da Costa Mól, e o doutor em Educação Física pela UNICAMP e professor adjunto do DEF/UFSC, Giovanni de Lorenzi Pires, abordam, no artigo "Feliz na Contemporaneidade: Saúde e Estética no Discurso de *Veja*", a importância que a mídia exerce na busca pela beleza e como as técnicas apresentadas influenciam os leitores. Os autores não deixam de destacar a importância da mídia para o tema e como esta deveria se comportar para contribuir realmente como meio formador de opinião, levando-se em consideração que beleza não é apenas estética, mas uma questão de saúde.

Conhecer o espaço que o corpo ocupa é o tema do artigo "Princípios da Orientação Espacial Humana" de Franklin de Camargo Júnior. Pelo estudo, o professor-convidado do Laboratório de Cinesiologia e Biomecânica na FEFISA resalta a importância de se conhecer a posição relativa

FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA E A ATENÇÃO À SAÚDE: UM APROFUNDAMENTO CURRICULAR

Luis Mochizuki*



RESUMO

Neste curto ensaio, iremos discutir o papel da atividade física e saúde na formação acadêmica em educação física.

Palavras-chave: Atividade física. Saúde. Doença.

INTRODUÇÃO

O movimento humano é o objeto de estudo da educação física. De acordo com Meijer (2002), o estudo do movimento humano representa historicamente a busca sistemática pelas explicações para compreender a coordenação e controle motor. Na fase inicial de investigação do movimento humano, que vai desde o período greco-romano até o final do século XIX, permeia o pressuposto que o controle precede a coordenação nas explicações sobre os movimentos. Esta visão mudou quando os conceitos científicos desenvolvidos nas ciências naturais do final do século XIX e início do século XX trouxeram à tona a discussão dos fenômenos dinâmicos e complexos. A consequência para a investigação do movimento humano foi uma radical mudança e inversão dos papéis do controle e coordenação. A partir de Bernstein (1996), a pergunta fundamental sobre o movimento passou a ser como a coordenação precede o controle. Assim, de acordo com Meijer (2002), a essência do movimento humano está na coordenação e no controle. Será que a coordenação e controle são as metas finais de um profissional em educação física? Neste curto ensaio, iremos discutir o papel da atividade física e saúde na formação acadêmica em educação física.

O OBJETO DE ESTUDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A educação física é uma área de atividade profissional e de investigação científica. Enquanto atividade profissional, a educação física no Brasil pode ser definida a partir de um conjunto de leis e normas, como o Parecer 138/2002 da Câmara de Educação Superior (CES) do Conselho Nacional

*Coordenador do Bacharelado em Ciências da Atividade Física da Escola de Artes, Ciências e Humanidades EACH Campus Leste, Universidade de São Paulo - USP Av. Arlindo Bettio, 1000 - Parque Ecológico do Tietê - Ermelino Matarazzo, São Paulo SP CEP: 03828-000 - Email: mochi@usp.br

de Educação (CNE) e a Resolução CNE/CNS de 31 de março de 2004 sobre a instituição das Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em educação física. A partir dessas normas, verificamos que as atribuições do aluno formado em educação física permeiam o estudo do movimento, suas manifestações culturais, esportivas e lúdicas, assim como as implicações na saúde do indivíduo e do coletivo.

O termo movimento humano implica em uma dimensão ampla de significados, e não apenas as que mostramos no parágrafo anterior. Para conduzirmos nossa discussão, adotamos uma limitação no tipo de movimento humano a ser observado. Por essa razão, limitamos a discutir o papel da atividade física como foco central de investigação (HOFFMAN; HARRIS, 2002). Esta limitação, em relação à discussão sobre o objeto da educação física, induz direcionamentos, pois excluímos da discussão os movimentos do corpo humano sem intenção ou os não voluntários. Ou seja, nos voltamos para os movimentos da questão de Meijer (2002). É importante salientar que este tipo de direcionamento não implica que o objeto de educação física não inclui tais classes de movimentos. A escolha da atividade física facilita a aproximação temática com a saúde, por causa das afinidades e intrínsecas relações entre ambas para a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

EDUCAÇÃO FÍSICA, ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE

A competência para lidar com atenção à saúde, em especial, lidar problemas de prevenção de agravos da saúde, promoção, proteção e reabilitação da saúde, é um exercício profissional já associado à formação em educação física.

O suporte dado pela clínica baseada em evidências sugere fortemente o papel benéfico da atividade física na promoção da saúde e prevenção de doenças crônicas (para estudos sobre a atividade física e doenças, procure as revisões bibliográficas dos bancos de dados dos artigos baseados em evidências clínicas, como a Cochrane Lybrary em <http://www.bireme.br>), como o câncer, diabetes mellitus, e doenças cardio-vasculares (BASSUK; MANSSON, 2005; FRIEDENREICH, 2004).

Um aspecto histórico importante da investigação sobre a saúde precisa ser lembrado. A evolução histórica da medicina ocidental (KING, 1983) contém elementos interessantes para a discussão do problema central da educação física. A medicina nos Estados Unidos da América durante final do século XIX passava por um embate entre os acadêmicos e os profissionais, entre os teóricos e os práticos da medicina, entre os que buscavam, animados pela pesquisa científica,

soluções gerais para os problemas de saúde, e os que buscavam o diagnóstico e o tratamento individualizado dos pacientes. O embate levou à percepção de que a excelência do profissional clínico dependia simultaneamente de uma formação teórica e prática. Optou-se pelo estímulo ao regime de trabalho em tempo integral dos docentes do curso de medicina, pela investigação científica dos problemas clínicos, e ao estímulo à pesquisa sobre o desenvolvimento das doenças (CAMPANA et al, 2001). Esse processo aproximou os práticos e teóricos para constituir um dos grupos profissionais mais bem respeitados do século XX.

O ENSINO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A identidade acadêmica de uma disciplina repousa na necessidade de produzir conhecimento científico que legitime sua presença na Universidade. Entretanto, diferente do que aconteceu na medicina do século XIX, a os embates das diferentes correntes na educação física ainda não gerou um ponto em comum de investigação científica. A preocupação sobre a essência da educação física enquanto disciplina acadêmica é discutida há mais de quatro décadas (HENRY, 1964). Em busca da definição de uma área de conhecimento científico que justificasse a presença da educação física como área acadêmica, notamos a diversidade de nomes e definições (MANOEL, 1999), cujo fundo e motivação para esta profusão parte da compreensão diversificada do significado das relações entre o corpo-movimento-cultura.

Somente existem conseqüências de um currículo de ensino para as pesquisas de uma área, se o curso deste currículo é academicamente orientado à formação do conhecimento científico. Assim, uma mudança curricular afeta a direção das pesquisas realizadas na área. Em um dinamismo marcado pela constante inovação, forma-se um ciclo auto-alimentado do processo pesquisa-curriculo. Esta é uma característica marcante dos cursos de ensino superior que provocam mudanças na sociedade, ao contrário dos cursos de ensino superior que buscam atender as demandas consolidadas da mesma.

Como desenvolver tal atitude quando pensamos na educação física e a saúde?

A quantidade de publicações científicas na área da saúde é imensa. Nos principais indexadores da área, como Medline, Embase, Web of Science, Lilacs, ERL, PsicoDoc, encontramos centenas de periódicos que publicam milhares de artigos científicos mensalmente. A abundância de informação contida nesses trabalhos é uma barreira cada vez maior a ser superada para se manter atualizado sobre os principais avanços científicos. Os pré-requisitos para compreendê-los são cada vez

complexos. Para lidar com a atenção à saúde, é necessária a sólida formação em conteúdos e na capacidade de resolver e sugerir novos problemas. Isso implica em uma discussão sobre os conteúdos básicos para se estudar a saúde humana e a atividade física.

ASTENDÊNCIAS E CONCEPÇÕES NA ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

De acordo com Resolução CNE/CNS de 31 de março de 2004 sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de educação física, o currículo em educação física deve oferecer uma formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, com a possibilidade de aprofundamento em núcleos temáticos. Contudo, os conteúdos das áreas específicas da educação física são abordados sem um aprofundamento nas disciplinas-mãe de tais áreas. O resultado é um aprendizado incompleto sobre as áreas específicas. Qual efeito no aprofundamento do tema atividade física e saúde. Usarei o ensino de biomecânica como um exemplo desta situação.

Após iniciar um programa de pós-graduação *strictu sensu*, é comum o aluno formado em educação física perceber a dificuldade para lidar com aspectos mais avançados da biomecânica, por causa das deficiências de conhecimento em mecânica clássica, cálculo diferencial e integral, geometria, estatística, cálculo numérico e programação. Ele deveria ter aprendido tais conceitos na graduação? Um dilema na formação específica de biomecânica é como balancear no ensino de graduação os conteúdos básicos dessas disciplinas.

A necessidade destes conteúdos é mostrar e discutir com os alunos as causas dos comportamentos e fenômenos apresentados em aula. Na ausência desses conteúdos, o principal prejudicado é o aluno, que não tem contato com explicações mais fundamentadas, e nem participa de discussões baseadas em artigos científicos atualizados e específicos. A tradicional ojeriza discente ao ensino de ciências exatas, a clássica utilização de métodos behavioristas no ensino da matemática e física e o pouco tempo disponível para apresentar todo o conteúdo desejável são exemplos de fatos que contribuem para o desequilíbrio dos conteúdos no ensino de biomecânica. A consequência mais simples é uma formação incompleta em biomecânica durante a formação do futuro profissional de educação física. Infelizmente, o acréscimo de tópicos sobre os pré-requisitos das ciências naturais não vai modificar profundamente esta formação incompleta.

Da mesma forma, para o aprofundamento necessário na abordagem saúde e atividade física não basta aumentar tópicos em uma disciplina. É necessário oferecer mais conteúdo em novas disciplinas na grade curricular.

Para direcionar um currículo que associe atividade física e saúde com vigor, é preciso um conteúdo curricular que aborde questões de saúde pública, do processo de evolução natural das doenças, epidemiologia, dos métodos de intervenção e prevenção primária, secundária e terciária e até do funcionamento do sistema público e privado de saúde. Estes conteúdos estão ausentes na maior parte dos currículos em educação física. O vínculo maior com os assuntos da saúde e doença implica em um novo conjunto de disciplinas a serem implantadas no currículo, para eliminar a defasagem mencionada. Em uma formação voltada à manutenção da saúde, o termo generalista passa a indicar uma formação não dedicada a um único aspecto da saúde humana. Assim, ao vincular-se às questões da saúde, o objetivo principal na formação desse profissional é torná-lo apto para gerenciar e conduzir práticas de prevenção de doenças e manutenção da saúde baseadas no efeito benéfico da atividade física.

A FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Da mesma forma que a saúde é um aspecto a ser explorado, o esporte e treinamento esportivo, a atividade física enquanto componente cultural ou lúdico, ou pedagogia do movimento humano, entre outros, também são aspectos que mereceriam o mesmo tipo de tratamento e aprofundamento. Ao se constituir tais núcleos, a formação em educação física ganharia em aprofundamento, em contrapartida da perda da unicidade na sua formação profissional. Ao eleger a atividade física e saúde como foco principal de atuação, ao adotar como perspectiva pedagógica o ensino baseado na resolução de problemas e na elaboração de projetos, e respeitar a formação específica original da educação física, indicamos uma diferente perspectiva para um curso na área da educação física.

REFERÊNCIAS

- Bassuk SS, Manson JE. **Epidemiological evidence for the role of physical activity in reducing risk of type 2 diabetes and cardiovascular disease.** *Journal of Applied Physiology*, 99(3):1193-204, 2005.
- Bernstein, Nicolai A. **On dexterity and its development.** In: Latash, Mark L. & Turvey, Michael T. (editores) *Dexterity and its development.* Lea Inc, 1996.
- Campana, Álvaro Oscar; Iaria, César-Timo; Freitas, Corina Bontempo D.; Paiva, Sérgio Alberto Rupp de; Hossne, Willian Saad. **Investigação científica na área médica.** Editora Manole, São Paulo, 2001.



Friedenreich CM. **Physical activity and breast cancer risk: the effect of menopausal status.** Exercise Sport Sciences Review, 32(4):180-4, 2004.

Hoffman, S. J; Harris, J. C. **Cinesiologia: o estudo da atividade física.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

Henry, F. **Physical Education: on academic discipline.** Journal of Health, Physical Education and Recreation, 35: 32-38, 1964.

King, L. S. Medicine in the USA: **Historical vignettes. XVI.** Clinical science gets enthroned. Part II. The Journal of American Medical Association, 250(14):1847-50, 1983.

Manoel, Edison de Jesus. **A dinâmica do estudo e promoção da atividade motora humana: transição de fase na EEFÉ-USP?** Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, 13(1): 103-118, 1999.

Meijer, Onno. G. **Making things happen: an introduction to the history of movement science.** In: Latash, Mark L. & Zatsiorsky, Vladimir M. Classics in movement science. Human Kinetics, 2001.

Recebido em 24/07/2006

Aprovado em 31/07/2006

ARTIGO

Resumo

Este artigo discute a importância da atividade física para a saúde e o bem-estar humano, abordando aspectos históricos e contemporâneos da prática esportiva e da educação física. O texto analisa o papel da atividade física na promoção da saúde e na prevenção de doenças, bem como o impacto da tecnologia e da ciência na evolução dos esportes e da educação física. O autor defende que a atividade física deve ser entendida como uma prática social e cultural, que vai além do aspecto físico e envolve aspectos psicológicos e sociais. O texto também discute a importância da formação de profissionais da área e a necessidade de uma abordagem multidisciplinar para o estudo e a promoção da atividade física.

Palavras-chave: atividade física, saúde, educação física, esportes.

RESUMO

Este artigo discute a importância da atividade física para a saúde e o bem-estar humano, abordando aspectos históricos e contemporâneos da prática esportiva e da educação física. O texto analisa o papel da atividade física na promoção da saúde e na prevenção de doenças, bem como o impacto da tecnologia e da ciência na evolução dos esportes e da educação física. O autor defende que a atividade física deve ser entendida como uma prática social e cultural, que vai além do aspecto físico e envolve aspectos psicológicos e sociais. O texto também discute a importância da formação de profissionais da área e a necessidade de uma abordagem multidisciplinar para o estudo e a promoção da atividade física.



FELIZ NA CONTEMPORANEIDADE: SAÚDE E ESTÉTICA NO DISCURSO DE VEJA

Mellyssa da Costa Mól*

Giovani De Lorenzi Pires**

RESUMO

A valorização da saúde e da estética não é novidade, nova é a proporção que tal fenômeno assumiu na contemporaneidade. É cada vez maior o apelo à uma aparência saudável e bela, e a retardar o processo de envelhecimento. Com as descobertas científicas e tecnológicas, as possibilidades de intervenção sobre o corpo são cada vez maiores. E a mídia tem se mostrado uma aliada deste projeto, divulgando estratégias miraculosas como ginásticas, dietas, tratamentos, receitas de como ficar mais bonito e mais saudável. Considerando que a mídia influencia diretamente nas percepções de realidade, o que acaba chegando aos campos de intervenção profissional da Educação Física, este estudo teve como objetivo verificar as estratégias de construção do discurso midiático de *Veja* acerca das temáticas da saúde e da estética. Trata-se de uma investigação exploratória, de abordagem qualitativa, que analisa um produto midiático. O corpus de análise é constituído por 32 exemplares da *Veja* e mais uma edição especial da revista. A interpretação do material foi feita por análise de conteúdo. Observou-se que o principal eixo norteador das narrativas supõe o corpo belo como sinônimo de corpo saudável, relacionando-o aos universos da atividade física, nutrição e intervenções tecnológicas sobre o corpo. Por fim, discute-se a importância da educação para a mídia para a formação de indivíduos autônomos e críticos frente ao que é veiculado pelos meios de comunicação.

Palavras-chave: Saúde. Estética. Mídia. Educação Física.

HAPPY IN THE CONTEMPORANEITY: HEALTH AND ESTHETICS ON THE VEJA DISCOURSE

ABSTRACT

The valorization of the health and esthetics is not a novelty, new is the proportion that this phenomenon assumed on the contemporaneity. It's greater the appealing to a healthy and good looking, and to retard the process of aging. With the technological and scientific discoveries, the possibilities of intervention on the body are bigger and bigger. And the means of communication have been allied to this project, publishing miraculous strategies such as gymnastics, diets, treatments, and recipes of how getting more beautiful and healthier. Considering that the media has a direct influence on the perception of reality, what comes close to the professional intervention of the Physical Education, this study had the objective of verifying the strategies of building up the speech of *Veja*, concerning the theories of health and esthetics. It deals about exploratory investigation, of qualitative approach, that analyses a media product. The corpus of this analysis is composed by 32 volumes of *Veja* and another special edition of the magazine. The

* Jornalista e Licenciada em Educação Física pela UFSC.

** Doutor em Educação Física/UNICAMP; Professor Adjunto do DEF/UFSC. Coordenador do LaboMídia/UFSC. Os autores integram o Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva/UFSC. Contatos: labomidia@cds.ufsc.br.

material interpretation was done by the analysis of the content. It was observed that the main guide axis of this narrative assumes a beautiful body as a synonymous of a healthy body, connecting to the universe of physical activities, nutrition and technological interventions on the body. At last, it discusses the importance of the education to the media and to the formation of autonomous and critical individuals against the news exposed by the means of communication.
 Keywords: Health. Esthetics. Media. Physical Education.

I INTRODUÇÃO

Viver mais, com saúde e em boa forma é hoje como nunca antes uma preocupação que perpassa todos os segmentos da sociedade. A imagem do corpo bonito e saudável atravessa, contemporaneamente, os diferentes gêneros, faixas etárias e classes sociais. E o cinema, a publicidade, a mídia impressa, eletrônica e televisiva têm, certamente, contribuído para isto.

A valorização dos cuidados corporais relacionados à busca por saúde e estética encontra nos meios de comunicação de massa seu lugar de divulgação e repercussão. Somos todos, a todo o momento, estimulados a lançar mão de artifícios que possam nos levar a condições de saúde e forma física perfeitas, como a prática de exercícios físicos, dietas, usos de cosméticos e cirurgias plásticas. A mídia imprime padrões de corpos tidos como ideais a serem seguidos e ainda disponibiliza meios para alcançá-los.

Assuntos cuja cobertura é feita pelos meios de comunicação, inclusive os relacionados à saúde e à estética, repercutem diretamente sobre a sociedade como questões relevantes na ordem do dia. Com isso, o discurso midiático, a partir dos pressupostos de informação, entretenimento e publicidade, acaba por gerar entre as pessoas representações sociais que são coletivamente partilhadas.

Na medida em que determinadas temáticas se inserem no cotidiano social por influência das mensagens midiáticas - e interferem nas escolhas e opções a serem feitas pelos sujeitos -, este processo comunicacional termina chegando, de modo ou não, aos âmbitos de intervenção profissional da Educação Física.

Assim, o reconhecimento sobre o modo como estes discursos são produzidos, as estratégias que estão por trás de sua produção, pode significar um passo importante para o desenvolvimento, no âmbito da Educação Física, da capacidade de recepção crítica ao conteúdo divulgado pelos meios de comunicação. Embora ainda emergente, esta temática que tem sido objeto de estudo em

diversas áreas como a Comunicação, a Antropologia, a Educação, começa a chegar à Educação Física, nos últimos anos. É o que se evidencia, por exemplo, na pesquisa de Dantas (2003), sobre modificações corporais difundidas pela revista *Boa Forma*. Também pode-se referir ao estudo de Figueira (2004), que verificou a produção de corpos adolescentes femininos a partir de *Capricho*. Gomes (1999), analisando como informações sobre o corpo são comunicadas pela mídia televisiva, estudou as imagens do corpo no programa *Malhação*, novela adolescente da Globo. Além destes, Chaves (2001) faz uma análise do corpo em função do discurso publicitário; Dickel, Borelli e Fausto Neto (2001) refletem sobre a representação do corpo na televisão; e Andrade (2004) estuda a relação da mídia impressa com a educação de corpos femininos.

O que caracteriza estes estudos, entretanto, é seu foco nos âmbitos da publicidade e do entretenimento dos meios; mesmo quando abordam a dimensão informativa da mídia, o fazem em relação a veículos pouco comprometidos com este aspecto em seus projetos editoriais. Conforme se pode notar, nenhum estudo foi encontrado acerca dos discursos sobre saúde e estética postos em circulação por uma publicação da dimensão e importância das revistas semanais, destinadas à formação de opinião de muitos formadores de opinião.

Sendo assim, o objetivo do estudo foi analisar como saúde e estética têm sido tratadas por *Vejo*, revista que se enquadra perfeitamente neste contexto. Algumas questões de investigação ajudaram a guiar a pesquisa: a) no discurso de *Vejo*, ter um corpo esteticamente perfeito significaria necessariamente ser saudável? b) que outras relações entre as temáticas da saúde e da estética podem ser percebidas nas reportagens veiculadas? c) quais os elementos recorrentes das mensagens divulgadas? d) que reflexos as abordagens da revista podem indicar para a Educação Física?

FUNDAMENTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo pode ser caracterizado como uma pesquisa qualitativa, de abordagem descritivo-exploratória, identificada como uma análise de produto midiático. Bogdan e Biklen (1994) afirmam que uma das características da pesquisa qualitativa consiste no fato de que ela é descritiva, mas não isenta o pesquisador de interpretar os fatos observados/descritos, uma vez que o ato investigativo é entendido como um processo também subjetivo.

A caracterização da pesquisa como uma análise de produto da mídia toma por base Lopes (1994) e Santaella (2001), que consideram a área de estudos da comunicação/mídia como

essencialmente interdisciplinar e têm características específicas, carecendo, portanto, de uma definição metodológica própria. Recentemente, pesquisas sobre a produção brasileira em Educação Física e Mídia (BETTI et al., 2005; BITENCOURT et al., 2005; PIRES et al., 2005), utilizaram a classificação de "análise de produtos da mídia" para referir a estudos que tomavam uma ou mais produções midiáticas como objeto de análise dos textos analisados.

Em relação à metodologia empregada na interpretação dos dados coletados, neste estudo, o procedimento adotado é a análise de conteúdo (BARDIN, s/d). Segundo Triviños (1995, p. 160), a análise de conteúdo tem algumas peculiaridades essenciais, como por exemplo, "ser um meio para estudar as 'comunicações' entre os homens, colocando ênfase no conteúdo 'das mensagens'". O método procura interpretar e compreender os fatos para além de sua superfície, dos seus significados imediatos.

Para o tratamento dos dados, a análise categorial típica foi substituída pela definição de eixos temáticos condutores das narrativas analisadas. A opção por este procedimento se deve à especificidade do estudo, que pretendeu um "perambular" entre duas categorias teóricas previamente identificadas - saúde e estética -, cujos contornos conceituais não se encontram perfeitamente delimitados. Assim, os eixos temáticos possibilitam esse trânsito e o diálogo entre ambas.

O CAMPO DA PESQUISA

Foram coletadas e analisadas reportagens de *Veja* referentes às temáticas da saúde e da estética, publicadas entre outubro/2004 a maio/2005, o que resultou na seleção de 32 exemplares além de uma edição especial da revista veiculada durante esse período e cuja temática era destinada exclusivamente aos cuidados com a saúde no verão. A escolha de tal período se deu justamente porque se desejou analisar os exemplares que circularam nos meses mais quentes do ano, em que os corpos costumam ficar mais à mostra e, por conta disso, os apelos aos cuidados com a saúde e com a estética também ficam mais evidentes na mídia.

Quanto ao *corpus* de análise da pesquisa, além dos textos das matérias que tratavam da saúde e da estética, também foram considerados outros aspectos, como os títulos, subtítulos, fotos, legendas, quadros ilustrativos e as capas das revistas. Isso porque o modo como se articulam esses elementos na diagramação das reportagens, isto é, a forma como eles estão dispostos no corpo da matéria terminam por compor uma "teia" de significados que é responsável por uma formatação

própria e intencional das informações que são veiculadas.

Mesmo sendo desnecessário caracterizar o veículo analisado, alguns dados do IVC (Instituto Verificador de Circulação), de maio/2003, servem para confirmar a importância de *Veja* na mídia nacional: ela foi criada em 1968 e é hoje a maior revista em circulação no Brasil, com uma tiragem média de mais de um milhão de exemplares semanais. Além dos 900.547 assinantes, a revista atinge aproximadamente 10 milhões de leitores. Anualmente *Veja* publica um total de 11.111 páginas de anúncios, o que equivale a 2,5% do volume total da receita de publicidade da mídia brasileira.

II SAÚDE E ESTÉTICA NA MÍDIA: ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A mídia ajuda a estabelecer sentidos e significados que influenciam diretamente nas percepções de realidade construídas pelas pessoas, isto é, nas representações sociais, que podem ser compreendidas como:

Um conhecimento do senso comum, socialmente construído e socialmente partilhado, que se vê nas mentes das pessoas e na mídia, nos bares e nas esquinas, nos comentários das rádios e TVs. São um conhecimento, mas diferente do conhecimento científico, que é reificado e fundamentalmente cognitivo. São um conhecimento social, um campo representacional. (GUARESCHI, 2000, p. 78).

As representações sociais fornecem uma base comum de conhecimento sobre a qual as pessoas discutem e argumentam. Construídas a partir de diversos meios, entre os quais figura a mídia, acabam por levar as pessoas a agir de determinada maneira.

Com base neste conceito, podemos supor que a imprensa não só tem capacidade de propor às pessoas sobre o que elas devem pensar e discutir, mas também de influenciar diretamente na construção das realidades dos indivíduos. Pelo menos, é o que nos leva a deduzir a afirmação de Shaw (1979, apud WOLF, 2001, p. 144), para quem:

Em consequência da ação [sic] dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os mass media incluem ou excluem do seu próprio conteúdo.

O DISCURSO MÉDICO-CIENTÍFICO DA SAÚDE NA MÍDIA

Os conceitos mais tradicionais de saúde percebem a relação saúde/doença a partir de um ponto de vista restrito ao biológico, centrado no indivíduo, desconsiderando os seus componentes



socioculturais. Isso implica a adoção de uma visão reducionista do problema; seu enfrentamento, nesta lógica, dá-se a partir de um viés essencialmente comportamentalista.

O rompimento com essa relação monocausal sobre o processo saúde-doença precisa considerar outros aspectos igualmente relevantes, conforme aponta Minayo (1992, p. 10) em um conceito de saúde relacionado a uma perspectiva socioeconômica:

Saúde é o resultante das condições de alimentação, habitação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse de terra e acesso aos serviços de saúde. É, assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social da produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida.

Neste sentido, a conquista de condições sociais para a melhoria da qualidade da saúde da população estaria relacionada também à capacidade desta população em pautar e lutar por elas em seus postulados por políticas públicas. Para tanto, a população precisaria estar informada sobre esse processo, além de capacitada para ocupar os diferentes canais de interlocução com a sociedade e suas instâncias deliberativas. Destaca-se, aqui, portanto, o duplo papel de responsabilidade social que pode ser atribuída à mídia, tanto no esclarecimento da questão quanto no encaminhamento das reivindicações da população.

Todavia, políticas públicas e discurso midiático têm andado no sentido contrário a essa compreensão social da relação saúde/doença. Iniciativas governamentais na forma de campanhas, que se utilizam massivamente da mídia para seu desenvolvimento, têm dado ênfase a um estilo de vida mais saudável, descoladas das políticas de desenvolvimentos econômico, social, da educação, do saneamento básico, e transferindo ao indivíduo a responsabilidade em aderir a hábitos que seriam capazes de mantê-lo saudável.

Sobre as representações sobre saúde que circulam na mídia, Rondelli (1995) identifica como hegemônico, entre os vários níveis discursivos, aquele que combina o da medicina, lógico e científico, e o dos médicos e outros profissionais da saúde, informado pelo primeiro nível (médico-científico) e pautado pela sua aplicação na rotina de trabalho cotidiano. Assim, a mídia, a partir de regras e códigos próprios, se apropria das "verdades científicas", reconstruindo-as num discurso próprio, para tornar mais compreensivo o palavreado complexo típico do discurso médico. Esse novo discurso, ou o subdiscurso jornalístico, que se torna senso comum entre o público leigo, é simplificado, às vezes quase simplista, fato que tivemos a oportunidade de evidenciar em outro estudo (MÓL; PIRES, 2005).



AESTÉTICA NA CONTEMPORANEIDADE: O FENÔMENO DO CULTO AO CORPO

A atual preocupação com a forma e o volume dos corpos está relacionada à importância que a dimensão estética e a questão da imagem passaram a ocupar na contemporaneidade. Assim, no século XX é que vão se localizar os momentos fundamentais para o entendimento do culto ao corpo nos dias atuais (CASTRO, 2003).

A ambientação urbano-industrial dos anos 20 representa um importante marco histórico para a compreensão desse processo de formulação de um novo ideal físico, tendo a imagem cinematográfica interferindo significativamente nesta construção. No fim dessa década, mulheres, sob o impacto combinado das indústrias de cosméticos, da moda e de Hollywood, incorporam o uso da maquiagem e passam a valorizar o corpo magro e esguio. Já nos anos 50, o advento das férias remuneradas, a popularização do acesso às praias e a proliferação de *campings* contribuem para que a exposição dos corpos passe a ocupar um espaço central no contexto da época. Esse período é marcado também pela explosão publicitária que traz consigo uma importante mudança de comportamento através da difusão de hábitos relativos aos cuidados com o corpo, com práticas de higiene e esportes.

Os anos 60 são marcados pela chamada revolução sexual e pelo movimento feminista. O corpo toma grande importância como elemento de transgressão, pelas experiências guiadas sob o lema "sexo, drogas e *rock n' roll*". É a partir dos anos 80, que as práticas corporais ganham vulto nunca antes alcançado, que se expressa pela proliferação das academias de ginástica nos centros urbanos. A *geração saúde*, em oposição ao padrão de comportamento representativo da geração hippie, levanta bandeiras anti-drogas, contra o tabagismo e o alcoolismo.

A indústria do vestuário torna-se responsável pelo desnudamento gradativo do corpo. A exposição pública dos contornos corporais ganha espaço e cuidar dele passa a ser uma necessidade. A preocupação com as questões referentes à beleza e aos cuidados corporais se intensificou, expandindo a indústria e os serviços relacionados a este segmento do mercado, o da beleza como mercadoria.

Durante a década de 90, os setores da economia brasileira envolvidos com a produção e manutenção da beleza experimentaram significativo crescimento, envolvendo produtos de higiene pessoal, cosméticos e perfumaria, alimentos dietéticos, e o setor de serviços, como academias de ginástica e as clínicas de cirurgia plástica, instituições de ascensão mais significativa no mercado de produção da beleza.

O fenômeno do culto ao corpo parece ser a marca registrada da contemporaneidade. Castro (2003, p. 15) considera essa manifestação cultural da sociedade contemporânea, envolvendo não só a prática de atividade física, mas também as dietas, as cirurgias plásticas, o uso de produtos cosméticos, enfim, tudo o que responda a preocupação de se ter um corpo bonito e/ou saudável.

A possibilidade de moldar o próprio corpo a partir de práticas reguladoras como ginástica e dieta propicia a cada um, individualmente, a sensação de estar o mais próximo possível de um padrão de beleza hegemônico, globalmente estabelecido. Cuidar do corpo torna-se um imperativo tão poderoso que conduz à idéia de obrigação, cujo fracasso gera um sentimento de culpa.

Os manuais de auto-ajuda, a mídia e os conselhos dos experts em saúde levam os indivíduos a acreditarem que as imperfeições e defeitos corporais são resultado da negligência e ausência do cuidado de si (...). Aqueles que não o alcançaram é reservada a estigmatização, o desprezo e a falta de oportunidades. (CASTRO, 2003, p.72)

Nesse sentido, como constituinte da subjetividade do indivíduo na contemporaneidade, a mídia investe no imaginário social, sugerindo ações que levariam à meta da saúde e forma física perfeitas como a prática de exercícios físicos, bons hábitos alimentares e intervenções tecnológicas sobre o corpo. Assim, saúde e estética encontram nos meios de comunicação de massa seu lugar de divulgação onde imagens de corpos perfeitos proliferam.

A mídia impressa é espaço de grande apelo para a divulgação de informações relativas ao corpo. Revistas de comportamento, sobretudo as femininas, trazem a este público dicas acerca dos cuidados com beleza, alimentação, moda, ginástica e sexualidade, funcionando como verdadeiros guias de condutas. Pautadas por um discurso de convencimento, essas publicações parecem reforçar o caminho que leva da transformação corporal à felicidade, passando pela saúde.

Além do discurso de autoridades e especialistas, é comum encontrar nestas veículas celebridades produzidas pela indústria cultural, que comparecem para confirmar, com depoimentos e, principalmente, com suas imagens públicas, o sucesso das intervenções e tratamentos corporais a que teriam se submetido (MÓL e PIRES, 2005).

III REFLEXÕES SOBRE O DISCURSO DE VEJA SOBRE SAÚDE E ESTÉTICA

Das 32 revistas que foram observadas, apenas duas não apresentaram qualquer menção às temáticas da saúde e da estética. Nos 30 exemplares em que houve alusão a tais questões, todos

exibiram reportagens relacionadas à saúde, enquanto nove delas trouxeram também matérias referentes aos cuidados estéticos. É importante salientar que alguns textos tratavam de aspectos relacionados à saúde de forma associada à estética.

Nas publicações, apenas duas capas com referência a questões ligadas à saúde foram encontradas, mas chama a atenção que ambas estampavam contornos corporais femininos seminus, num apelo mal disfarçado à sensualidade e ao erotismo. Tal fato já fora registrado anteriormente em trabalho no qual foram analisadas matérias de capa de *Veja*, *Isto É* e *Época* (MÓL e PIRES, 2005).

À edição especial de *Veja* foi dado um tratamento diferenciado, já que a revista foi examinada por completo. Isto se justifica por esta se tratar de um exemplar diferenciado da revista tanto em relação à sua forma como, principalmente, por seu conteúdo. Com a foto de uma surfista exibindo sua boa forma na capa, *Veja Especial Saúde* se propõe a ser "um guia prático para o verão". A publicação trouxe dezenove reportagens com diferentes enfoques sobre exercícios físicos, dietas e cuidados com a beleza, conjugando tais práticas como "um bom começo para um verão inesquecível".

Um importante ponto desta edição da revista, não sendo possível, aqui, aprofundá-lo, diz respeito aos fortes elementos publicitários divulgados em suas páginas. A edição especial apresenta inúmeras propagandas destinadas especificamente para um público que pode ser caracterizado como esportista, preocupado com a saúde e com a boa forma. De 84 páginas, 14 são de anúncios que, entre uma reportagem e outra, permeiam toda a publicação, além do *merchandising* de equipamentos e acessórios esportivos, cujas marcas aparecem compondo o próprio corpo das matérias.

ATIVIDADE FÍSICA, NUTRIÇÃO E INTERVENÇÕES TECNOLÓGICAS NO CORPO: EIXOS NORTEADORES DA NARRATIVA SOBRE SAÚDE/ESTÉTICA

No processo de análise e interpretação dos dados para além dos seus significados imediatos, três temas se destacaram como elementos expressivos dos discursos analisados, apresentando-se como eixos norteadores das narrativas das reportagens referentes à saúde e à estética: *atividade física, nutrição e intervenções tecnológicas sobre o corpo*.

O eixo correspondente à *atividade física* está presente em 12 de um total de 86 reportagens analisadas, oito delas na edição especial. Diz respeito aos exercícios físicos em geral que aparecem

relacionados às novidades e tendências das técnicas de ginástica nas academias ou fora delas e às atividades destinadas à população como um todo ou a grupos específicos como atletas, idosos e gestantes. O tema pôde ser observado ora como meio para entrar em forma, ora como remédio para tratar doenças, abrangendo, assim, aspectos relacionados tanto à saúde quanto à estética.

O segundo eixo narrativo é o que trata da *nutrição*. Aspectos relacionados à alimentação consistem, no elemento de maior recorrência no material avaliado, com incidência em 23 reportagens analisadas. Dietas das mais variadas constituem o foco desta temática, versando sobre reeducação alimentar, índice glicêmico, colesterol, gordura trans, dietas da moda, suplementos alimentares, radicalismos para emagrecer, aspectos nutricionais, alimentos funcionais, etc. Como se pode perceber, também nesse caso a categoria de análise transita entre os universos da saúde e da estética.

O terceiro eixo é o que se concretiza pelas *intervenções tecnológicas sobre o corpo*, presente as em 22 reportagens. Consideraram-se para este eixo tanto os procedimentos invasivos (cirurgias plásticas, de redução do estômago, bioplastias), quanto os não-invasivos, como tratamentos dermatológicos, uso de cosméticos, medicamentos, entre outros. Mais uma vez questões relacionadas à saúde e a estética foram observadas de forma associada na análise.

Os demais 29 textos recolhidos tratavam de aspectos relativos à saúde, mas sua abordagem era essencialmente médica; foram, portanto, desconsiderados nesta análise por não estarem relacionados a questões estéticas nem aos demais eixos supracitados, adotados como norteadores da reflexão aqui procedida.

SAÚDE E ESTÉTICA: DISCURSOS QUE SE ENTRELAÇAM NA MÍDIA

Conforme já abordado, uma característica comum nas matérias analisadas é que as narrativas lidam o tempo todo com uma certa ambigüidade entre a saúde e a estética. Tal aspecto torna-se evidente na lógica exposta pelas reportagens de que para se ter saúde há que se estar em forma e, de acordo com a mesma linha de raciocínio, um corpo esbelto parece atestar, necessariamente, boa saúde.

Nesse sentido, tenta-se estabelecer uma relação entre estética e saúde mediada pela lógica simplista da subjetividade: a estética pode ser melhorada com a cirurgia plástica, dieta e/ou a atividade física e isso leva à satisfação pessoal, o que contribui para a saúde do indivíduo. Com isso, não se está negando que a satisfação subjetiva de uma auto-imagem positiva constitui-se em

elemento importante em um quadro de saúde numa perspectiva ampliada. Todavia, o que se encontra de forma explícita ou diluída em frases e palavras aparentemente descomprometidas, expressa uma relação que está longe de ser verdadeira.

É o que se percebe, por exemplo, na matéria *Cada um é... cada um*¹. A reportagem fala de como certas pessoas, apesar de manterem hábitos pouco saudáveis, se mostram imunes a complicações decorrentes destes excessos: (...) algumas pessoas podem cultivar hábitos pouco recomendáveis e mesmo assim, *ter um corpo invejável e uma saúde perfeitamente normal* (grifo nosso). Tal frase anuncia de modo muito claro a linearidade com que se expressa a relação simbiótica *corpo invejável/saúde normal*.

A confusão entre os sentidos/significados das temáticas da saúde e da estética já fora apontada por Figueira (2004), como característica recorrente nos discursos da revista *Capricho*. Conforme a autora, a revista evidencia, sobretudo, a quase inexistência de fronteiras delimitadas a separar as representações sociais de um corpo considerado bonito da de um corpo considerado saudável. Ou seja, saúde e beleza são apresentadas quase como sinônimos. (FIGUEIRA, 2004, p. 131-132)

Para Castro (2003), esse entrelaçamento entre saúde e estética, tem suas raízes ainda no início do século XX como resultado da maneira como os sentidos desses termos foram sendo incorporados nas práticas cotidianas e passaram a compor o universo vocabular da sociedade. As políticas de saúde pública da época foram responsáveis por difundir entre a população produtos de higiene e limpeza e os publicitários não tardaram a associar o apelo higienista ao estético: vende-se a idéia de que o sabão deixa a pele mais limpa e, portanto, mais saudável, logo, mais bonita, armando-se a equação: *limpeza/perfeição = saúde/beleza*. (CASTRO, 2003, p. 64)

Os significados muito próximos dos termos saúde e estética na mídia podem estar associados também ao fato de os meios de comunicação basearem suas mensagens relativas à beleza no universo da saúde, uma vez que este, por se fundamentar no discurso médico-científico, tem maior legitimidade.

O entrelaçamento entre os conceitos de saúde e estética presente na mídia parece repercutir de forma direta entre a população. É o que se observa em pesquisa feita por Silva e Daólio (2003) na qual, entre os significados atribuídos às práticas corporais por frequentadores do sexo masculino de um parque público na cidade de Campinas, fica clara a associação do corpo belo como sinônimo de um corpo saudável. Quanto à percepção das influências da mídia em suas



opções de práticas corporais, os autores concluem que, apesar de conscientes sobre o modo como ocorre o processo de venda de produtos, propagandas, padrões corporais, os sujeitos parecem que, inconscientemente, acabam por reproduzir essas influências.

Outro aspecto evidente nas reportagens está relacionado ao fato de as narrativas, na maior parte do tempo, dirigirem-se ao público leitor como se dele fizessem parte pessoas com parâmetros de vida relativamente homogêneos. Assim, dietas e programas de atividades físicas são sugeridas indiscriminadamente, sem restrição alguma, àqueles que desejam se manter belos e com saúde adiando ao máximo processo de envelhecimento. É o caso de matéria "É hora de malhar"³, que propõe um programa de treinamento elaborado pelo preparador físico do velejador Robert Scheidt, "sob medida para quem passou o ano inteiro parado" sendo suficiente "para emagrecer e ganhar condicionamento sem perder a disposição", sem apresentar qualquer tipo de ressalva.

Outra característica que cabe registrar é que mesmo uma revista "séria" como *Veja*, cujas estratégias de comercialização não estão baseadas prioritariamente na exposição e venda avulsa em bancas, não escapa do apelo barato e mal disfarçado à sensualidade nas fotos de suas capas. Mesmo apresentando apenas duas capas com referência a questões ligadas à saúde, ambas estamparam fotos de corpos *seminus*, num discreto erotismo. A forma com que se revelam os contornos corporais bonitos e femininos parecem atestar a boa condição de saúde daqueles que se submeteram às recomendações do discurso midiático. Aspecto comum a essas capas é que os rostos das modelos não aparecem. É "(...) como se a individualidade/identidade da pessoa na foto, que é marcada também no rosto, não tivesse importância nesse contexto. O que realmente faz diferença ou tem significado são os contornos deste corpo que apresenta características que são indicadas e desejáveis a todos os corpos femininos" (ANDRADE, 2004, p. 115-116)

IV CONSIDERAÇÕES FINAIS: O DISCURSO MIDIÁTICO E A EDUCAÇÃO PARA A MÍDIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Conforme se viu, não são poucas as estratégias divulgadas pela mídia em nome dos cuidados corporais, tendência que vem se firmando como essencial nos dias de hoje. Tal fato pôde ser claramente observado nas edições de *Veja* analisadas, em que questões referentes à saúde e à beleza apresentam, de maneira bastante recorrente, o corpo belo como sinônimo do corpo

³VEJA, 2004.



saudável.

Nossa experiência profissional e nosso convívio cotidiano com a Educação Física no âmbito educacional, notadamente o escolar, permitiu-nos observar que a presença destes discursos começa a ser percebida, pois cada vez mais cedo jovens se submetem a intervenções essencialmente estéticas sobre o corpo. Além disso, a cultura da "malhação", presente no discurso midiático e pautada na ambigüidade *beleza-saúde*, desperta a atenção dos jovens e faz com que a disciplina de Educação Física acabe sendo tomada como uma sucursal das academias⁴.

Diante desse contexto, em que por influência das mensagens midiáticas notoriamente se dá a reprodução dos mais diversos aspectos no meio social, torna-se evidente o fato de que os meios de comunicação de massa interferem na construção das representações sociais pelas quais os indivíduos significam a sua realidade mediada, especialmente a juventude⁵.

Não se trata aqui de demonizar a mídia como meio de todo manipulador, capaz de incutir nas pessoas tudo o que se propõe a veicular. Assim estaríamos considerando os sujeitos como meros receptores passivos, e não como atores sociais capazes de atribuir significados diversos aos conteúdos midiáticos a partir de suas estruturas culturais e cognitivas de recepção. Para, além disso, consideram-se tanto as estratégias com que os produtores das mensagens as constituem (e os interesses que estão por trás dessa construção) quanto a reação autônoma por parte dos sujeitos em sua relação com os meios.

Sob este ponto de vista, percebe-se a importância da educação para a mídia vertente pedagógica consoante com a corrente latino-americana dos estudos sobre comunicação e cultura, em que interagem os campos da educação e da comunicação (BELLONI, 2001). Conforme o que preconiza esta proposta pedagógica, torna-se possível pensar numa educação para a recepção crítica dos conteúdos divulgados pela mídia por meio do reconhecimento dos mecanismos de produção dos sentidos dos mesmos. Assim, por esse processo educativo busca-se formar receptores ativos, capazes de consumir criticamente a mensagem midiática, analisando-a para além de seu significado imediato.

Desse modo, cabe à escola, como instituição social, o compromisso de intervir no sentido de

⁴Em alguns casos, já se pode verificar a substituição da Educação Física como componente curricular pela prática de alguma atividade física em academias, através de contratos de parceria destas com as escolas. Tal fato vem sendo denunciado nos foros próprios da Educação Física e, recentemente, foi destacado no site *Aprenderiz (Convênio com academia substitui aulas em SP)*

⁵Ver, por exemplo, os trabalhos de Hack (2005) e Costa (2006).



auxiliar os estudantes no desenvolvimento de ferramentas para entender e interpretar o que é veiculado pelos meios de comunicação. Essa tarefa requer que os professores trabalhem didaticamente com os meios, assumindo-se como mediadores entre o discurso midiático e a cultura cotidiana dos estudantes, desafio que está posto também aos professores de Educação Física (PIRES, 2002). Para tanto, tais profissionais deverão estar capacitados para reconhecer as relações diretas da mídia sobre a vida cotidiana das pessoas, razão pela qual a tematização dos produtos midiáticos e suas influências na sociedade contemporânea se revelam importantes, sobretudo, nos cursos de formação de professores.

Nesse sentido, pensamos que este estudo contribui para demonstrar a importância da inclusão da mídia como tema recorrente de estudo e como eixo curricular interdisciplinar para a Educação Física, de modo a permitir ao professor em formação a apropriação de conhecimentos sobre mecanismos de produção de sentidos pelos meios de comunicação, bem como a construção da noção dessa imbricação entre os conteúdos culturais e os conteúdos midiáticos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, S. dos S. **Mídia Impressa e a Educação de Corpos Femininos**. In: GUACIARA, L. L.; NACKEL, J. F.; GOELLNER, S. (Orgs). *Gênero, Corpo e Sexualidade*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 108-123.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, s/d.
- BELLONI, Maria Luisa. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BETTI, M. et al. **Análise da produção do Grupo de Trabalho Temático "Comunicação, Mídia e Educação Física/Esporte" do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte no período 1997-2003**. Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2005. Disponível em www.nepef/ufsc.br/labomidia. Consulta em 15/02/2006.
- BITENCOURT, F. et al. **Educação física e Mídia: um olhar a partir da produção e veiculação do conhecimento na Revista Brasileira de Ciências do Esporte e na Revista Motrivivência**. Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2005 (mimeo)
- BOGDAN, R.; BIKLENS, S. **Investigação Qualitativa em Educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- CASTRO, A. L. de. **Culto ao Corpo e Sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo**. São Paulo: Annablume, 2003.
- CHAVES, S. F. **Corpo, Propaganda e Imaginário Social**. Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 12, *Anais eletrônico...* Caxambu: CBCE, 2001.



CONVÊNIO COM ACADEMIA SUBSTITUI AULAS EM SP Disponível no site: <http://aprendiz.uol.com.br/content.view.action?uuid=190051ae0af470100140984b0c3a2506>. Consulta em 20/04/2006.

COSTA, A. G. **Moda/indumentária em culturas juvenis: símbolos de comunicação e formação de identidades corporais provisórias em jovens de ensino médio**. Dissertação de Mestrado (em Educação Física). Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2006.

DANTAS, E. R. **O corpo Modificado, os Discursos da Mídia e a Educação Multirreferencial**. Congresso de Ciências do Esporte, 13, *Anais eletrônico...* Caxambu: CBCE, 2003.

DICKEL, D. B.; BORELLI, V.; FAUSTO NETO, A. **Algumas Reflexões Teóricas Sobre a Representação do Corpo**. *Revista Comunicação Movimento e Mídia na Educação Física*, Santa Maria: UFSM, vol. 6, n. 7, p. 12-22, 2001.

FIGUEIRA, M.L.M. **A Revista Capricho e a Produção de Corpos Adolescentes Femininos**. In: GUACIARA, L. L.; NACKEL, J.F.; GOELLNER, S. (orgs). *Gênero, Corpo e Sexualidade*. Petrópolis: Vozes, 2004.

FONTENELLE, A. **O peso é só um detalhe**. *Revista Veja*, São Paulo, edição 11905, ano 38, número 20, p.114-115, 18 de maio de 2005.

GOMES, E. S. L. **Imagens do Corpo no Programa Malhação**. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Florianópolis: CBCE, vol. 21, n. 1, p. 382-387, setembro/1999.

GUARESCHI, P. **Quadro referencial de análise**. In: GUARESCHI, P. (Org) et al. *Os Construtores de Informação: meios de comunicação, ideologia e ética*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HACK, C. **Lazer e Mídia em Culturas Juvenis: uma abordagem da vida cotidiana**. Dissertação de Mestrado (em Educação Física). Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2005.

LOPES, M. I. V. **Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico**. São Paulo: Loyola, 1994.

MINAYO, M. C. de S. **A saúde em estado de choque**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1992.

MÓL, M. da C. **Feliz na Contemporaneidade: dos cuidados com a saúde aos cânones da estética. E vice-versa? Analisando o discurso midiático de VEJA**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). Florianópolis: UFSC, nov/2005.

MÓL, M.; PIRES, G. De L. **Corpo Saúde e Estética no Discurso das Revistas Semanais Brasileiras**. Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 14, *Anais eletrônico...* Porto Alegre: CBCE, 2005.

PIRES, G. De L. **Educação Física e o Discurso Midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: Ed. UNIJUI, 2002.

PIRES, G. De L. et al. **A pesquisa em Educação Física e Mídia: pioneirismo, contribuições e críticas ao "Grupo de Santa Maria"**. Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2005. Disponível em

www.nepef/ufsc.br/labomidia. Consulta em 15/02/2006.

RONDELLI, E. **Mídia e Saúde: os discursos se entrelaçam**. In: PITTA, A.R. (Org.). *Saúde e Comunicação: visibilidades e silêncios*. São Paulo: Hucitec/ Abrasco, 1995.

SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa**. São Paulo: Hackers, 2001.

SILVA, C. L. da; DAÓLIO, J. **As práticas corporais na mídia: os significados da musculação para freqüentadores de um parque público**. Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 13. *Anais eletrônico...* Caxambu: CBCE, 2003.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1995.

VALADARES, R. et al. **Mudança Radical**. Revista Veja, São Paulo, edição 1862, ano 37, número 28, p. 84-93, 14 de julho de 2004.

VEJA, edição nº 1877, 27/outubro/2004.

VEJA, edição nº 1905, 18/maio/2005.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

Site da Editora Abril. Disponível em:
<<http://www.abril.com.br/aempresa/areasdeatuação/revistas.htm>> Acesso em: 28 de novembro de 2004.

Recebido em 20/03/2006 (1ª versão); 24/04/2006 (2ª versão)

Aprovado em 15/05/2006

Resumo
Este artigo discute a relação entre a mídia e a saúde, com foco na musculação. A análise é baseada em uma pesquisa qualitativa realizada em um parque público, onde se observou como os frequentadores utilizam a musculação para alcançar objetivos de saúde e bem-estar. O estudo revela que a musculação é percebida como uma prática que promove a mudança radical na vida, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e a construção de uma identidade positiva. A mídia desempenha um papel fundamental na disseminação dessas ideias, influenciando as escolhas e as expectativas dos indivíduos. O texto discute as implicações dessas práticas para a saúde pública e a importância de uma abordagem integrada que considere tanto o aspecto físico quanto o psicológico e social.

INTRODUÇÃO

Este artigo discute a relação entre a mídia e a saúde, com foco na musculação. A análise é baseada em uma pesquisa qualitativa realizada em um parque público, onde se observou como os frequentadores utilizam a musculação para alcançar objetivos de saúde e bem-estar. O estudo revela que a musculação é percebida como uma prática que promove a mudança radical na vida, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e a construção de uma identidade positiva. A mídia desempenha um papel fundamental na disseminação dessas ideias, influenciando as escolhas e as expectativas dos indivíduos. O texto discute as implicações dessas práticas para a saúde pública e a importância de uma abordagem integrada que considere tanto o aspecto físico quanto o psicológico e social.



RESUMO

Para elaborar um plano de ação motora, pressupõe-se conhecer a posição relativa ocupada pelos corpos no espaço, incluindo-se como tal. Em outras palavras, o domínio do ato motriz implica um processo de orientação espacial sobre o cenário de movimento. O presente trabalho tem por objetivo rever e discutir conceitos envolvidos na ocorrência desse processo, bem como estudar os aspectos psicofísicos que determinam o fenômeno. Adota-se para tanto um delineamento de pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. Esta pesquisa caminha por discussões que vão do aspecto filosófico aos atributos neurais do fenômeno, passando pela ontogênese da noção espacial. O estudo exploratório realizado indica que o processo de orientação espacial se revela numa estruturação de esquemas de referência resultantes de integrações sensoriais ou de uma representação mediada pela percepção. A estruturação de tais esquemas envolve mecanismos de: transdução de energia, transmissão codificada e integração das informações num significado de ordem espacial. O conhecimento das relações espaciais pode decorrer de um processamento pré-atencional ou do avanço desse para um processamento atencional. No primeiro caso, os esquemas de referência resultam: (1) da integração entre as submodalidades visuais; (2) da integração do primeiro esquema com a modalidade proprioceptiva ocular e (3) da integração desse último com as modalidades vestibular e somatossensorial. No segundo caso, os referenciais valem-se das condições de polaridade e limites oscilantes que se estabelecem entre sujeito e objeto. Assim, os esquemas vão de um mapa bidimensional à incorporação da cabeça e do corpo, podendo chegar à exclusão do sujeito.

Palavras-chave: Sensação. Corpo. Espaço. Referência.

PRINCIPLES OF HUMAN SPATIAL ORIENTATION

ABSTRACT

To build a motor action plan, it is presupposed to know the relative position occupied by the bodies in the space, including oneself as such. In other words, the domination of motive act implies a spatial orientation process about movement scenery. The present work has the aim to review and discuss involved concepts in the occurrence of this process, as well as to study a psychophysic aspects that determine the phenomenon. It is accepted for a delineation of bibliographic research of qualitative approach. This paper walks through discussions that go from philosophic aspect to neural attributes of phenomenon, passing by ontogenesis of the spatial notion. The exploratory study indicates that the spatial orientation process reveals itself in the structuration of reference scheme resulted by sensorial integrations or representation mediated by perception. The structuration of such schemes involves mechanisms of: conversion of power, codified transmission and integration

*Professor-convidado de Laboratório de Cinesiologia e Biomecânica na FEFISA - Faculdades Integradas de Santo André. Endereço eletrônico: franklindcamargojunior@ig.com.br

of information in the spatial order significance. The knowledge of spatial relationships can be derived from pre-attention processing or from advance of it to an attention processing. In the first case, the reference schemes result: (1) from integration between visual submodalities; (2) from integration of first scheme with an ocular proprioceptive modality and (3) from integration of this last with vestibular and somatosensory modalities. In the second case, the references take advantage of polarity conditions and oscillating limits that establish themselves between subject and object. Thus, the schemes go from bi-dimension map to incorporation of head and body, and they can reach the exclusion of subject.

Keywords: Sensation. Body. Space. Reference.

1 INTRODUÇÃO

Tendo como âmbito geral o estudo do movimento humano, o presente trabalho concentra esforços na exploração de um processo que norteia o gesto voluntário. Considerando que a execução de um movimento controlado exige, por parte do sujeito, um conhecimento da posição relativa dos corpos no espaço, o ato, em outras palavras, implica um processo de orientação espacial sobre o cenário de movimento. Desse pressuposto, surge o problema que mobiliza esta pesquisa: como ocorre a orientação espacial que fundamenta o plano de ação do homem?

Este estudo tem por objetivo revisar e discutir conceitos relacionados à ocorrência da orientação espacial humana, bem como, especificamente, estudar os aspectos psicofísicos que determinam o fenômeno. Nesse sentido, pretende-se evidenciar os eventos envolvidos na aquisição de um conhecimento espacial que se configura entre contato direto do homem com o mundo físico e a elaboração do plano de ação motora. Para tanto, e em conformidade ao caráter exploratório configurado, este trabalho adota delineamento de pesquisa bibliográfica (GIL, 2002) e abordagem qualitativa (OLIVEIRA, 1999).

Genericamente, o processo de orientação espacial envolve transdução de energia, transmissão codificada e integração das informações em esquemas de referência. A exploração desses eventos, tal como, o estudo que se apresenta, têm fundamento no campo da psicofísica, uma vez que enfoca "[...] a relação entre as características físicas de um estímulo e os atributos da experiência sensível". (GARDNER; MARTIN, 2003, p. 412).

Baseado na hipótese de que a orientação espacial decorre de operações neurais que associam um conjunto de informações (ou padrões de energia) a um significado de ordem espacial, este trabalho caminha por questões relacionadas à conceitualização do fenômeno de estudo, às formas de

conhecimento da realidade, aos domínios sensitivos e perceptivos da informação, à ontogenia das noções espaciais no sujeito segundo a teoria cognitiva de Piaget, aos princípios gerais que governam os sistemas sensoriais diretamente envolvidos, ao problema da síntese das informações e, por fim, à elaboração de sistemas de referência.

2 REVISÃO E DISCUSSÃO DA LITERATURA

Como poderia o homem adequar-se ao cenário de movimento, se não fosse o ato motor precedido por uma operação através da qual pudesse determinar a posição ocupada pelos corpos? Sem essa operação, o planejamento de suas ações tornar-se-ia inválido ou comprometido e o movimento ocorreria de forma aleatória e incerta. Para este estudo, essa operação consiste num processo de determinação da posição relativa ocupada pelos corpos no espaço, incluindo-se como tal; em outras palavras, consiste num processo de orientação espacial.

A posição ou o movimento de um corpo somente podem ser descritas partir da fixação de um outro, uma vez assumido como referencial. De acordo, porém, com o princípio da relatividade descrita por Galileu (1564-1642), posteriormente expandida por Einstein (1879-1955), não existe uma estrutura de referência estacionária absoluta. O ato de mover-se, portanto, implica atitude relacional de pelo menos dois corpos, aquele que se move e aquele tomado como referência, sendo sempre possível alternar as interpretações dependendo do foco de fixação. É de dessa forma que a relatividade concede ao homem o poder de girar o mundo sobre os próprios pés.

Como tal determinação denota aquisição de um conhecimento existencial, depara-se com uma questão filosófica clássica: o que é real? Se concebido como aquilo que existe, então, a pergunta que se faz é: como se conhece o real? O espaço é conhecido tal como é, ou de forma diferente do que aparenta ser? Aranha e Martins (1993, p. 22) afirmam que a apreensão do real pode ocorrer de duas formas: "[...] pela intuição, que é uma forma de conhecimento imediato, isto é, feito sem intermediários [...]" (grifo das autoras), e pela razão, que é uma forma de conhecimento discursivo e, como tal se constrói por meio da palavra. O conhecimento imediato detém-se ao concreto para concluir, enquanto o discursivo é decorrente de "[...] um pensamento que opera por etapas, por um encadeamento de idéias, juízos e raciocínios que levam a determinada conclusão". Para tanto, a razão necessita realizar abstrações, ou seja, isolar um elemento de sua representação, e somente a partir de então, poderá superar as informações concretas e imediatas que recebe.

Além da intuição e da razão, Oliveira (1999) posiciona a sensação como sendo a terceira forma pela qual o sujeito apreende o real. Segundo o autor, para pensadores como Locke, Hume, Condillac e Stuart as sensações representam a única fonte de conhecimento, cabendo à razão apenas unir e ordenar os dados obtidos da experiência.

Uma vez que, inevitavelmente, uma adequação motora ao espaço manifesta-se na relação que se estabelece entre sujeito e objeto, ser e ambiente, o processo de orientação vale-se dos aspectos sensíveis da matéria e, portanto, exclui a independência de intermediários, a intuição, e faz da elaboração de um raciocínio a partir desses aspectos, da razão, uma possibilidade.

Como todo perceber decorre do sentir, mas nem todo sentir resulta em perceber, cria-se a possibilidade da orientação espacial residir em quaisquer desses domínios. Entende-se sensação como capacidade de codificar aspectos da energia física e química circundante numa linguagem neural; ao passo que percepção, como capacidade de associar as sensações ao pensamento (LENT, 2001), ou ainda, como forma de conhecer algo por meio das sensações obtidas diante dos objetos e no contexto de uma situação (PENNA, 1997), que inclui a compreensão da existência do objeto e a interpretação do seu significado, não apenas combinando várias sensações, como também integrando estímulos recentes com experiências fixadas na memória (WOLFF, 1973). Portanto, essencialmente, a diferença entre sentir e perceber reside na consolidação ou não da informação codificada ao pensamento.

Existem várias teorias psicológicas dispostas a elucidar o desenvolvimento da noção de espaço no homem. De acordo com Jean Piaget (1970), cuja fundamentação teórica mais se aproxima do caráter deste estudo, o processo de transição de uma condição, presente ao nascer, na qual não se reconhece limites entre si e o mundo exterior para uma noção de espaço dissociada do próprio corpo, inicia-se com o desenvolvimento de relações espaciais apreendidas pela percepção que, por sua vez, são ou foram alteradas pela conduta motora, isto é, pelo movimento. (PIAGET; INHELDER, 1993; PIAGET, 2003).

Caracterizado como um espaço perceptivo, durante o primeiro nível de organização das relações espaciais ocorrem progressos de ordem sensorio-motora que possibilitam ao sujeito atribuir consistência sólida aos objetos e relativa permanência aos mesmos durante os deslocamentos. (PIAGET; INHELDER, 1993; PIAGET, 2003). As aquisições finais desse nível superam a dissociação entre corpo e espaço para liberação das relações entre os objetos. Entretanto, por não ser capaz de se transferir para outros pontos de vista, a criança nesse nível

ainda toma exclusivamente o próprio corpo como referencial. (PIAGET, 2003).

A fronteira de um espaço puramente perceptivo com a de outro em parte representativo é anunciada pelo surgimento dos primeiros esboços de representação mental do objeto ausente. (PIAGET; INHELDER, 1993). Representar o espaço, um objeto ou um ponto de vista, implica, pois, a construção mental das relações entre os elementos, obtida pelo cruzamento das informações disponíveis, sem que seja necessária qualquer ação prática, e não mais, simplesmente, pela percepção direta induzida pelos significantes. (PIAGET, 2003). Em outras palavras, representar o espaço implica obter um conhecimento sobre o mesmo que vai além daquele gerado pelo contato direto com os elementos para apoiar-se no pensamento.

O primeiro dos espaços representativos, o topológico, caracteriza-se pela aquisição da capacidade de distinção entre figuras abertas e fechadas ou entre aquilo que ocupa a região interna ou externa das mesmas. (PULASKI, 1986; PIAGET; INHELDER, 1993). O aspecto em parte perceptivo e em parte representativo desse espaço traduz-se na capacidade de construir uma imagem espacial, de caráter visual, que simbolize um objeto a partir da percepção tátil-cinestésica do mesmo. Ao mesmo tempo em que essa ação mental implica representação, ela encontra-se apoiada exclusivamente em dados percebidos. (PIAGET; INHELDER, 1993).

Os próximos espaços representativos, projetivo e euclidiano, "[...] são elaborados, os dois e independentemente um do outro, a partir do espaço topológico". (PIAGET; INHELDER, 1993, p. 317). Contudo, a passagem do espaço topológico para o espaço projetivo ocorrerá antes do que para o euclidiano absoluto. (LEBOULCH, 1987).

As representações no espaço projetivo implicam análise das formas e dos objetos em perspectiva, mas todas sempre relativamente a um ponto de vista considerado particular. É assim, não consideram as distâncias e dimensões, ao sistema de coordenadas, a partir do ponto de vista comparável ao de outro observador. (PIAGET; INHELDER, 1993).

Ao passo que, as representações no espaço euclidiano, "[...] supõe[m] uma coordenação das localizações em relação às quais os objetos se deslocam e é esse relacionamento do móvel e de suas localizações sucessivas [...]" (PIAGET; INHELDER, 1993, p. 497) que possibilita ao sujeito conferir constância às dimensões dos objetos e, ao mesmo tempo, tornar fixa as distâncias percorridas pelos mesmos. Essa conservação das distâncias e dos comprimentos não é, para os autores, outra coisa senão a iniciação à construção de um sistema total de coordenadas.

Por pressupor participação do pensamento, a construção de um espaço intelectual

apresenta-se como uma possibilidade ao fenômeno da orientação. No entanto, a coexistência dos corpos no tempo e no espaço implica um fluxo contínuo de energias que transmite ao homem as características espaciais de cada elemento.

O homem capta essa energia circundante por meio de estruturas específicas conhecidas como receptores sensoriais. (MARTIN; JESSELL, 1997; ENOKA, 2000; LENT, 2001; CARLSON, 2002; GARDNER; MARTIN, 2003; MACHADO, 2003). Ainda que de mesma classe, isto é, sensível a uma mesma forma de energia, cada receptor responde a uma pequena e variada faixa de estimulação no espectro, o que determina uma curva de afinação. As especificidades de cada receptor também incluem o tamanho da área de estimulação circunscrita à localização dos mesmos, denominada campo receptivo; e a propriedade de adaptação que carregam com a permanência da estimulação: (a) rápida - acentuado e rápido decréscimo do sinal neural local - ou (b) lenta - lento decréscimo do mesmo sinal.

Uma vez captada, a energia traduz-se numa estimulação sensorial que produz quatro tipos básicos de informação (MARTIN; JESSELL, 1997; GARDNER; MARTIN, 2003): (a) modalidade - determinada pela forma de energia física do estímulo; (b) intensidade - reflete a quantidade total de energia do estímulo incidente; (c) duração - delimitada pela diferença de tempo com que a energia é recebida e perdida pelo receptor; e (d) localização - indicada pela ativação de um grupo de receptores entre os demais. Para Gardner e Martin (2003, p. 412), "juntos, estes quatro atributos fundamentais do estímulo produzem as sensações".

Qualquer sistema sensorial, mesmo considerando as especificidades de cada um, realiza três tarefas básicas: (1) transdução do estímulo - conversão da energia do estímulo em sinais neurais eletroquímicos (MARTIN; JESSELL, 1997); (2) codificação neural - representação dos parâmetros do sinal neural local, como intensidade ou duração, por parâmetros de um código digital no neurônio sensorial (MARTIN; JESSELL, 1997; LENT, 2001) e (3) inibição lateral - sintonização das informações para atingirem o máximo da capacidade discriminativa (MARTIN; JESSELL, 1997).

A condução do código neural ocorre por uma via aferente seriada (ou hierárquica), cuja principal estação de retransmissão é o tálamo que transmite a informação sensorial para o córtex cerebral. (MARTIN; JESSELL, 1997; LENT, 2001; AMARAL, 2003). A maioria dos sistemas sensoriais é, contudo, constituída por mais de uma via aferente, distintas e organizadas entre si em paralelo. (MARTIN; JESSELL, 1997; LENT, 2001). Cada via de um mesmo sistema sensitivo conduz uma submodalidade particular. Essas vias convergem no córtex cerebral onde as informações de

cada submodalidade são combinadas, e, tal como consideram Martin e Jessell (1997), resultam nas percepções.

Organizadas anatomicamente, da periferia para o sistema nervoso central, as vias sensoriais preservam as relações espaciais topográficas dos receptores dentro do órgão sensorial. (MARTIN; JESSELL, 1997; LENT, 2001). Em especial nas sensações visuais e somáticas, essa organização topográfica fornece informações acerca da localização do estímulo no corpo ou no mundo externo. Gardner e Martin (2003, p. 418) afirmam que a consciência espacial nessas modalidades "[...] envolve três habilidades perceptuais distintas: (1) localização do sítio de estimulação no corpo ou a origem do estímulo no espaço, (2) discriminação do tamanho e da forma de objetos, e (3) resolução dos detalhes do estímulo ou do ambiente".

No sistema visual, a transdução da energia luminosa ocorre por meio dos fotorreceptores (a) bastonetes - acromáticos, de alta sensibilidade e baixa resolução temporal - e (b) cones - cada um dos três com uma pigmentação mais sensível a uma faixa de estimulação no espectro, de baixa sensibilidade e alta resolução temporal. (TESSIER-LAVIGNE, 2003). De acordo com Trevarthen (1968 apud SCHMIDT; WRISBERG, 2001), a informação visual que parte da retina pode seguir por dois caminhos distintos para também distintas regiões do cérebro. Cada um desses caminhos implica sistemas visuais com funções especializadas: (a) visão ambiental e (b) visão focal.

O sistema ambiental abrange o campo visual central e periférico, sofre baixa degradação sob baixa luminosidade e tem a função de identificar a posição e o movimento dos objetos no espaço. Esse sistema baseia-se em padrões de fluxo óptico para identificar o repouso ou a direção e velocidade de deslocamento dos elementos. Ao passo que, o sistema focal possui campo visual restrito à região central, sofre alta degradação sob condições de baixa luminosidade e tem o papel de identificar os objetos segundo o significado sociocultural que carregam. (SCHMIDT; WRISBERG, 2001). Em outras palavras, a informação da posição relativa dos elementos no espaço, obtidas através desse último sistema, envolve o processamento de uma imagem bi ou tridimensional.

Para Kandell e Wurtz (2003a), essa construção da imagem visual implica um processo ativo e criativo, sobre o qual incidem os princípios de organização perceptual, de transformações de padrões de luz numa interpretação coerente de mundo. Para essa interpretação, utilizam-se estratégias de processamento tais como: (a) constância - permite olhar um objeto sob diferentes ângulos ou condições de iluminação e ainda reconhece-lo como sendo o mesmo; (b) figura-fundo -



tendência a ver objetos contra um fundo e (c) agrupamento - tendência de organização dos elementos numa mesma categoria regulada por critérios de proximidade, similaridade, continuidade e fechamento. (WERTHEIMER, 1938 apud WOLFF, 1973; BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1989; DAVIDOFF, 1983; 2001; MYERS, 1999; KANDEL; WURTZ, 2003a).

Tal como numa câmara fotográfica, a imagem retidiana é bidimensional e invertida em relação ao campo visual. (KANDEL; WURTZ, 2003b). A conversão dessa imagem de bi em tridimensional baseia-se nos indicadores de profundidade (DAVIDOFF, 1983; 2001; KANDEL; WURTZ, 2003c): (a) monoculares, tais como, tamanho familiar - ao observar um objeto conhecido, mede-se a área ocupada na retina e julga-se a distância; interposição - assume-se o objeto que esconde a visão de um outro como sendo aquele que está mais próximo; perspectiva linear (caso especial de tamanho familiar) - a conversão de linhas que se acredita serem paralelas indica distanciamento; perspectiva de tamanho (outro caso especial de tamanho familiar) - quando objetos similares parecem diferentes em tamanho, atribui-se maior distanciamento ao menor; perspectiva de área - objetos mais distantes parecem indistintos ou menos nítidos; paralaxe de movimento - durante o movimento da cabeça, os objetos mais próximos parecem deslocar-se de forma mais rápida e no sentido oposto ao do movimento e vice-versa; e distribuição de luz e sombra - padrões de altas e baixas luzes podem ser parâmetros de profundidade; e (b) binoculares, como, disparidade binocular - diferença entre os olhos que permite interpretar a proximidade que estamos do objeto, através do cálculo das distâncias entre as imagens retidianas; e propriocepção ocular - provocada durante convergência. Os indicadores binoculares são essencialmente úteis a distâncias menores que 30 metros, pois, acima disso se tem um mundo visto de forma quase idêntica por ambos os olhos. (KANDEL; WURTZ, 2003c).

No sistema somatossensório, a existência de uma organização topográfica permitiu ao neurocirurgião Wilder Penfield (1950 apud KANDEL, 2003) construir um mapa de representação neural da superfície do corpo. Estudos posteriores revelaram que a superfície corporal possui quatro representações neurais ao invés de apenas uma, e que essa não é rígida, nem imutável. O uso ou o desuso, isto é, a experiência pode provocar alterações acentuadas nas vias conectoras, e conseqüentemente, nas suas correspondentes representações mesmo em adultos. Isso indica que os mapas topográficos não só variam consideravelmente de um indivíduo para o outro como também se desenvolvem através da aprendizagem. (KANDEL; KUPFERMANN, 1997; LENT, 2001; KANDEL, 2003).



Esse sistema sensório medeia as modalidades tátil e proprioceptiva. As sensações táteis são provocadas pela deformação da superfície corporal (MARTIN, JESSELL, 1997; GARDNER; MARTIN; JESSELL, 2003) e estão divididas em (a) epicrítica - de alta capacidade discriminativa - e (b) protopática - de baixa capacidade discriminativa. (LENT, 2001; GARDNER; MARTIN; JESSELL, 2003). Ao passo que, as sensações proprioceptivas são provocadas pela energia mecânica captada por (a) fusos musculares - sensíveis à mudança no comprimento da fibra muscular (GHEZ; GORDON, 1997; GARDNER; MARTIN; JESSELL, 2003; PEARSON; GORDON, 2003) -, (b) órgãos tendíneos - sensíveis à mudança na tensão muscular (GHEZ; GORDON, 1997; ENOKA, 2000; PEARSON; GORDON, 2003) - e (c) receptores articulares - sensíveis à tensão na cápsula articular, nos ligamentos ou nos tecidos conjuntivos frouxos e a pressão intra-articular (ENOKA, 2000).

Enquanto o tato fornece ao homem informações acerca da topologia e do movimento dos elementos pelo contato, a propriocepção o informa sobre a posição e o movimento dos segmentos corporais de acordo com o comprimento muscular, as tensões muscular e articular, e a pressão intra-articular. (GHEZ; GORDON, 1997; KANDEL, 2003; GARDNER; MARTIN; JESSELL, 2003).

O sistema vestibular completa os três principais sistemas sensórios que contribuem para o processo de orientação espacial. Composto pelos mecanorreceptores (a) máculas - sensíveis à pressão exercida pela direção da força gravitacional e a movimentação linear da cabeça - e (b) cristas ampolares - sensíveis à movimentação angular da mesma -; esse sistema tem o papel de informar a posição da cabeça nos três eixos além da velocidade, direção e sentido nas quais se desloca. (GUYTON; HALL, 2002; GOLDBERG; HUDSPETH, 2003).

Após processadas em áreas corticais específicas, as informações sensoriais unimodais convergem sobre áreas associativas multimodais. (SAPER; IVERSEN; FRACKOWIAK, 2003). Porém, a associação momentânea da informação que está sendo captada por diferentes tipos de receptores e processada em diferentes regiões do cérebro consiste num mecanismo ainda não especificado pela neurociência, conhecido por mecanismo de síntese. (KANDEL; WURTZ, 2003a).

Treisman e seus colaboradores (1977) e Julesz (1984) (apud KANDEL; WURTZ, 2003a, p. 502, grifo dos autores) "mostraram em estudos psicofísicos independentes que essas associações requerem atenção enfocada nos elementos do campo visual". As observações das autoras



sugerem que na percepção espacial, estão envolvidos dois sistemas de processamento seqüências distintos: (1) pré-atencional e (2) atencional.

Durante o processamento pré-atencional, as propriedades elementares da cena, tais como cor, orientação, tamanho ou direção do movimento, são codificadas em paralelo, o que possibilita a ocorrência de uma rápida análise das características globais do objeto e o enfoque da estratégia de distinção figura-fundo. A partir do agrupamento inicial dos itens, estabelecidos pelo processamento pré-atencional, segue um processamento atencional em série que seleciona e salienta as características ainda isoladas de um mesmo objeto.

Segundo Penna (1997), foram os integrantes da Escola Gestaltista que mais insistiram no aspecto mais elementar ligado à orientação espacial humana: a questão da posição ocupada pelo objeto, incluindo o homem como tal. E a esses, deve-se a discussão de três conceitos fundamentais diretamente relacionados.

O primeiro diz respeito ao estabelecimento primário da condição de polaridade entre o agente do processo e os objetos por ele captados. De acordo com o autor, numa ação quase instantânea, sob condições normais de consciência, sujeito e objeto ocupam no espaço do campo perceptivo os extremos dessa polarização. O segundo conceito refere-se aos limites correspondentes ao sujeito e objeto. Caracterizados por extremos oscilantes, os limites apresentam uma linha divisória que, contínua e frequentemente, reduzem ou ampliam a área de ocupação.

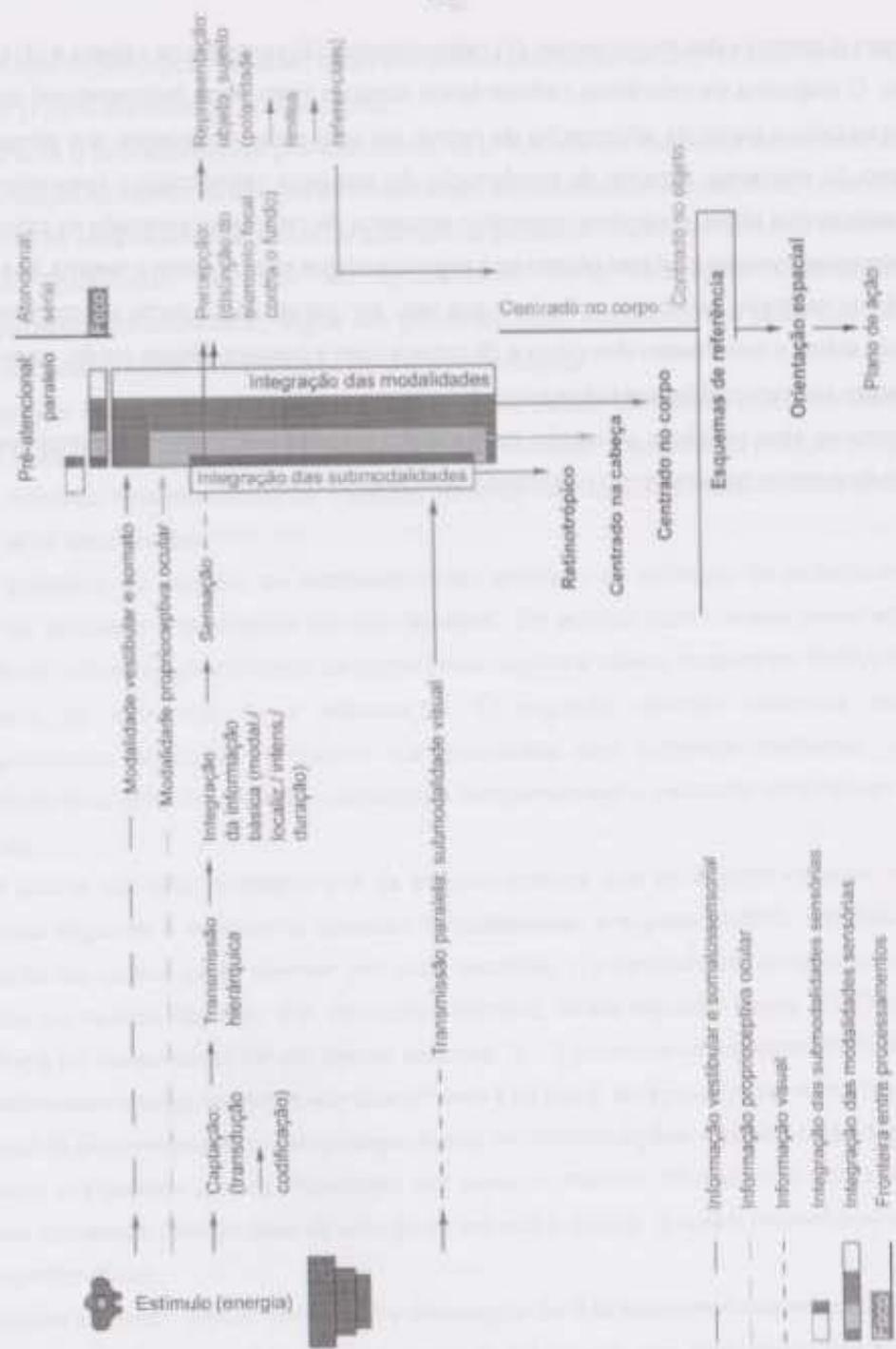
O último dos três conceitos é o da posição relativa que os objetos ocupam no espaço perceptual segundo o referencial adotado. Considerando o espaço dividido em duas zonas, a localização do objeto pode ocorrer por dois sistemas: (1) centrado no próprio corpo ou (2) centrado no mundo objetivo. Em condições normais, ainda segundo Penna (1997, p. 180), a ocorrência ou consumação de um desses sistemas "[...] processa-se em obediência aos fatores que determinam a organização de estruturas", entre os quais, serão particularmente relevantes os princípios da proximidade e da semelhança. Assim, em tais condições, o sujeito será adotado como referência aos objetos que se disponham em espaço próximo, do mesmo modo que, quando distantes aumenta a possibilidade da adoção de um outro objeto, que está próximo ou assemelha-se como referencial.

Kandel e Wurtz (2003a) comentam a elaboração de três sucessivos esquemas de referência, presumivelmente intrínsecos ao sistema centrado no sujeito, que colaboram para a percepção



visual e para o controle dos movimentos: (1) retinotrópico, (2) centrado na cabeça e (3) centrado no corpo. O esquema de referência retinotrópico consiste num mapa bidimensional do campo visual organizado a partir da informação da retina, no qual cada movimento dos olhos implica movimento do esquema. A partir da combinação do esquema retinotrópico com informações sobre a posição dos olhos, o cérebro constrói o esquema de referência centrado na cabeça, pelo qual permanecerá estável qualquer objeto no campo visual que se mova com a mesma. O esquema de referência centrado no corpo pode, por sua vez, ser construído a partir da combinação da informação sobre o movimento dos olhos e da cabeça com a postura. Desse modo, os esquemas subseqüentes são construídos um sobre o outro.

Encerra-se essa revisão e discussão da literatura podendo-se traçar a seguinte síntese da seqüência de eventos que envolvem o processo de orientação espacial:



3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo exploratório realizado indica que o processo de orientação espacial humano se revela numa estruturação de esquemas de referência decorrentes de um processamento em paralelo, rápido e geral das relações espaciais, ou do avanço desse para um processamento em série enriquecido com detalhes. Desse modo, tais esquemas podem resultar da integração de submodalidades sensoriais, de diferentes modalidades, ou de uma representação mediada pela percepção.

Em todos os casos, a sequência de eventos psicofísicos parte do contato direto que sujeito e objeto estabelecem entre si. Esse contato expõe o sujeito a um fluxo de informações (energias) que são codificadas em sinais eletroquímicos, transmitidas por vias paralelas e integradas no cérebro para gerar os primeiros esquemas de referência.

Da combinação da informação entre diferentes modalidades, novos esquemas são sobrepostos aos primeiros, e desse modo, vão de um mapa bidimensional (retinotrópico) para a incorporação da cabeça (centrado na cabeça) e do corpo (centrado no corpo) no sistema de referência, podendo chegar à exclusão do sujeito agora numa representação de extremo grau de subjetividade.

Reconhecemos que para plena compreensão do processo de orientação espacial são necessários outros estudos, principalmente, acerca do mecanismo de síntese pelo qual as informações são integradas no cérebro e da construção do significado no ato perceptual. Entretanto, com base nos esclarecimentos obtidos, pôde-se identificar indícios de um mecanismo que fundamenta a orientação, bem como posicioná-lo no contexto dos eventos neurais.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, D. G. **A organização funcional da percepção e do movimento.** In: KANDEL, E. R.; SCHWARTZ, J. H.; JESSELL, T. M. (Edit.). **Princípios da neurociência**, 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2003, cap. 18, p. 337-48.
- ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando: introdução à filosofia.** 2. ed. rev. atual. São Paulo: Moderna, 1993.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia.** 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1989.
- CARLSON, N. R. **Fisiologia do comportamento.** 1. ed. bras. Barueri, SP: Manole, 2002.
- DAVIDOFF, L. L. **Introdução à psicologia.** São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.



- _____. 3. ed. São Paulo: Pearson Education, 2001.
- ENOKA, R. M. **Bases neuromecânicas da cinesiologia**. 1. ed. bras. São Paulo: Manole, 2000.
- GARDNER, E. P.; MARTIN, J. H. **Codificação da informação sensorial**. In: KANDEL, E. R.; SCHWARTZ, J. H.; JESSELL, T. M. (Edit.). **Princípios da neurociência**. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2003, cap. 21, p. 411-29.
- GARDNER, E. P.; MARTIN, J. H.; JESSELL, T. M. **As sensações corporais**. In: KANDEL, E. R.; SCHWARTZ, J. H.; JESSELL, T. M. (Edit.). **Princípios da neurociência**. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2003, cap. 22, p. 430-50.
- GHEZ, C.; GORDON, J. **Os músculos e os receptores musculares**. In: KANDEL, E. R.; SCHWARTZ, J. H.; JESSELL, T. M. (Edit.). **Fundamentos da neurociência e do comportamento**. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1997, cap. 27, p. 403-12.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOLDBERG, M. E.; HUDSPETH, A. J. **O sistema vestibular**. In: KANDEL, E. R.; SCHWARTZ, J. H.; JESSELL, T. M. (Edit.). **Princípios da neurociência**. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2003, cap. 40, p. 801-15.
- GUYTON, A. C.; HALL, J. E. **Tratado de fisiologia médica**. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
- KANDEL, E. R. **Das células nervosas à cognição: a representação celular interna necessária para a percepção e a ação**. In: KANDEL, E. R.; SCHWARTZ, J. H.; JESSELL, T. M. (Edit.). **Princípios da neurociência**. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2003, cap. 20, p. 381-403.
- KANDEL, E. R.; KUPFERMANN, I. **Das células nervosas à cognição**. In: KANDEL, E. R.; SCHWARTZ, J. H.; JESSELL, T. M. (Edit.). **Fundamentos da neurociência e do comportamento**. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1997, cap. 18, p. 261-80.
- KANDEL, E. R.; WURTZ, R. H. **Construção da imagem visual**. In: KANDEL, E. R.; SCHWARTZ, J. H.; JESSELL, T. M. (Edit.). **Princípios da neurociência**. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2003a, cap. 25, p. 492-506.
- _____. **Vias visuais centrais**. In: _____. 2003b, cap. 27, p. 523-47.
- _____. **Percepção de movimento, profundidade e forma**. In: _____. 2003c, cap. 28, p. 548-71.
- LE BOULCH, J. **Rumo a uma ciência do movimento humano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- LENT, R. **Cem bilhões de neurônios: conceitos fundamentais de neurociência**. São Paulo: Atheneu, 2001.
- MACHADO, A. **Neuroanatomia funcional**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2003.
- MARTIN, J. H.; JESSELL, T. M. **Os sistemas sensoriais**. In: KANDEL, E. R.; SCHWARTZ, J. H.;



- JESSELL, T. M. (Edit.). **Fundamentos da neurociência e do comportamento**. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1997, cap. 20, p. 297-309.
- MYERS, D. G. **Introdução à psicologia geral**. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
- OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.
- PEARSON, K.; GORDON, J. **Os reflexos espinhais**. In: KANDEL, E. R.; SCHWARTZ, J. H.; JESSELL, T. M. (Edit.). **Princípios da neurociência**. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2003, cap. 36, p. 713-36.
- PENNA, A. G. **Percepção e realidade: introdução ao estudo da atividade perceptiva**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- PIAGET, J. **O estruturalismo**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- _____. **A construção do real na criança**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- PIAGET, J.; INHELDER, B. **A representação do espaço na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- PULASKI, M. A. S. **Compreendendo Piaget: uma introdução ao desenvolvimento cognitivo da criança**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1986.
- SAPER, C. B.; IVERSEN, S.; FRACKOWIAK, R. **Integração da função motora e sensorial: as áreas de associação do córtex cerebral e as capacidades cognitivas do encéfalo**. In: KANDEL, E. R.; SCHWARTZ, J. H.; JESSELL, T. M. (Edit.). **Princípios da neurociência**. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2003, cap. 19, p. 349-80.
- SCHMIDT, R. A.; WRISBERG, C. A. **Aprendizagem e performance motora: uma abordagem da aprendizagem baseada no problema**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- TESSIER-LAVIGNE, M. **Processamento visual na retina**. In: KANDEL, E. R.; SCHWARTZ, J. H.; JESSELL, T. M. (Edit.). **Princípios da neurociência**. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2003, cap. 26, p. 507-22.
- WOLFF, W. **Fundamentos de psicologia**. 3. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1973.

Recebido em 30/01/2006 (1ª versão); 26/06/2006 (2ª versão)

Aprovado em 03/07/2006

Journal of the
Brazilian Society
of Biological
Education

Abstract
The main objective of this article is to discuss the importance of the scientific initiation process for the development of the student. It is a process that involves the student in the research process, allowing them to experience the scientific method and to contribute to the production of knowledge. This process is essential for the formation of the student as a citizen and as a professional. It is a process that involves the student in the research process, allowing them to experience the scientific method and to contribute to the production of knowledge. This process is essential for the formation of the student as a citizen and as a professional. It is a process that involves the student in the research process, allowing them to experience the scientific method and to contribute to the production of knowledge. This process is essential for the formation of the student as a citizen and as a professional.

Palavras-chave: Iniciação Científica, Educação Superior, Formação Acadêmica, Desenvolvimento Científico.

Resumo
O principal objetivo deste artigo é discutir a importância do processo de iniciação científica para o desenvolvimento do estudante. É um processo que envolve o estudante no processo de pesquisa, permitindo que ele experimente o método científico e contribua para a produção de conhecimento. Este processo é essencial para a formação do estudante como cidadão e como profissional. É um processo que envolve o estudante no processo de pesquisa, permitindo que ele experimente o método científico e contribua para a produção de conhecimento. Este processo é essencial para a formação do estudante como cidadão e como profissional.





A CONTRIBUIÇÃO DA FITA NA PRÁTICA DO GRAFISMO EM CRIANÇAS DE 5 A 7 ANOS

Joyce Moura José Pin*

Claudia Stefanini**

RESUMO

Este trabalho apresenta as possíveis contribuições da fita utilizada na Ginástica Rítmica Desportiva para a facilitação da aprendizagem da escrita. A ginástica com aparelhos, dentre eles a fita, é um dos instrumentos para a construção do conhecimento sobre a cultura corporal. A principal hipótese é: Os movimentos de manipulação necessários para movimentar a fita podem ajudar na escrita da criança no início da alfabetização? Foi considerado que os movimentos de manipulação da fita e os da escrita são similares. Pela observação dos manejos da fita, que envolvem a movimentação do punho para a execução fluente dos movimentos observou-se que se assemelha ao movimento de punho necessário para executar o traçado da escrita. Logo, a fita poderia ser um material didático escolar, além de ser um recurso próprio da Educação Física. O objetivo da pesquisa é demonstrar a existência de possíveis influências na melhora da escrita em crianças de cinco a sete anos. A amostra da pesquisa foi trinta crianças de uma escola de Educação Infantil Municipal da cidade de Santo André -SP. Aplicaram-se testes antes e depois da intervenção com os mesmos sujeitos e compararam-se os resultados obtidos, através de uma pesquisa quase experimental. Os resultados apontam para o uso didático da fita como recurso didático para auxiliar a aquisição fluente da escrita.

Palavras-chaves: Educação Física. Fita. Escrita. Alfabetização.

THE RIBBON CONTRIBUTION IN HANDWRITING OF CHILDREN THAT ARE 5 - 7 YEARS OLD

ABSTRACT

This paper presents the possible contributions of the ribbon utilized in the Rhythmic Gymnastics. The gymnastics with devices, also the ribbon, are the instruments to knowledge construction about corporal culture. The main hypothesis is: May the wrist movements practiced with the ribbon help children handwriting? It was considered the handwriting and the wrist movements are similar. For the comment of wrist movements of the ribbon, that involve the fist movement for a efficient movements execution were observed that is similar the fist movement to execute the tracing of the handwriting. So the ribbon should be part of the beginning education handwriting, besides being a Physical Education gear. The research's objective is demonstrating the existence of possible influences in the writing improvement of the children with five - seven years old. The research sample was thirty children from an Elementary School located in Santo André- SP. The methodology is experimental; it is usually called Quase Experimental. Tests were applied before and after some activities with the ribbon. This gear is recommended in order to help students to

*Graduada em Educação Física pela FEFISA - Faculdades Integradas de Santo André - joycemjpin@hotmail.com

**Mestre em Educação pela UNISAL, graduada em Educação Física pela FEFISA e Pedagogia / docente da FEFISA - Faculdades Integradas de Santo André e da UNISA - Universidade de Santo Amaro - claustefanini@ig.com.br

improve their handwriting, it means, the ribbon could be an extra teaching source that helps to propose a fluent handwriting.

Keywords: Physical Education. Ribbon. Handwriting. Literacy

1 INTRODUÇÃO

A Educação Infantil tem vários objetivos e, entre eles, despertar o interesse da criança pela escrita. As brincadeiras, danças, lutas, ginástica com e sem aparelhos, dentre eles a fita, auxiliam na construção do corpo infantil em transformação, a partir das orientações dos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. (BRASIL, 1998).

Os jogos, brincadeiras, atividades pré-desportivas e ginástica com aparelhos, dentre eles a fita, são instrumentos para a construção do conhecimento sobre a cultura corporal. A utilização do tempo e do espaço, o relacionamento interpessoal, a integração das áreas curriculares, entre outros, sofre o fortalecimento e estruturação da própria identidade. (GALLARDO, 1998).

Ao observar os possíveis manejos com a fita, percebe-se como sendo de fundamental importância a movimentação do punho para a execução fluente dos movimentos. Essa movimentação, muito se assemelha com o movimento de punho necessário para executar o traçado da escrita.

Sabe-se que é de suma importância que os professores desenvolvam atividades manuais com as crianças na fase inicial da escrita, como: recortes, colagens, desenhos, modelagens, entre outros. Buscando melhorar a ação fina das mãos e dos dedos, preparando-a para uma escrita fluente e ritmada.

Tendo conhecimento desses conceitos, o objetivo da pesquisa é demonstrar a existência de possíveis influências na melhora da escrita em crianças de cinco a sete anos, quando se utiliza a fita como recurso didático nas aulas de Educação Física, proporcionando uma contribuição na melhora da escrita da criança, além de uma aula diferente e prazerosa para alunos dessa faixa etária.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

De acordo com Freire (1994), alfabetizar é tornar acessível as linguagens universais. A forma de falar, de raciocinar, de se expressar, entre outras, são exemplos de linguagens universais e essas aquisições ocorrem num período em que se torna evidente o interesse da criança pelas trocas com seus iguais. Essa troca é interessante e vantajosa, pois torna um conhecimento privado em público.

A criança no início da alfabetização tem o que dizer, mas ainda não tem estruturada a forma

gráfica convencional, mas é de formas gráficas ainda incorretas que reproduzem incompletamente as formas convencionais, devido ao valor semântico que constitui o suporte de qualquer processo de alfabetização que não seja uma mera atividade de reprodução mecânica dos signos. (PINO, 1994).

Segundo Ferreiro (1989), a escrita pode ser concebida de duas formas muito diferentes e conforme o modo de considerá-las as consequências pedagógicas mudam drasticamente. A escrita pode ser considerada como uma representação da linguagem ou como código de transcrição gráfica das unidades sonoras.

Se a escrita é concebida como um código de transcrição, sua aprendizagem é concebida como a aquisição de uma técnica; se a escrita é concebida como um sistema de representação, sua aprendizagem se converte na apropriação de um novo objeto de conhecimento, ou seja, em uma aprendizagem conceitual. O presente estudo baseia-se na abordagem construtivista do aprendizado, no qual, nessa situação de aprendizagem da escrita, acredita-se que quando ela é concebida como um sistema de representação, o seu aprendizado acontece de tal forma que a criança será levada a prestar atenção nos fonemas das palavras e raciocinar para estruturar sua escrita e não como uma técnica, uma transcrição pré-determinada que geralmente acontece por meio dos métodos de decorar. (FERREIRO, 1989).

De acordo com Wallon (1989 apud LIMA, 1994), a atividade espontânea da criança não é suficiente para a construção do conhecimento formal, devido à necessidade de uma sistematização que não brota da própria atividade da criança, ou seja, esse conhecimento formal só poderá ser inserido na criança por indivíduos mais experimentados como o professor, e incluem-se as orientações das atividades propostas com a fita.

De acordo com Freire (1994), o maior conhecimento da criança, que é a motricidade, não pode ser ignorado, pois está mais aguçada do que a linguagem ou o raciocínio lógico e, se bem trabalhada nessa fase poderá favorecer a criança no processo de alfabetização.

As escolas começam a proporcionar condições para que as crianças iniciem o processo de aprendizagem da escrita por volta dos cinco ou seis anos e, quando trabalhada de maneira satisfatória e com alunos que não apresentam nenhum distúrbio de aprendizagem, ela é totalmente estruturada por volta dos oito anos.

O material utilizado nesse estudo, a fita, é um dos aparelhos utilizados pela Ginástica Rítmica Desportiva (GRD). O esporte utiliza-se, também, do arco, bola, corda, e maças como

equipamentos complementares dos movimentos. (TOLEDO, 2004). O esporte consente um empenho do corpo em relação ao espaço, tempo, ritmo, objetos, pessoas, num contexto de comunicação não verbal, produzindo reações afetivo-sociais significantes para a vida do ser humano. (GAIO, 1996, p. 131).

A fita, conhecida como um aparelho oficial da GRD, "[...] se apresenta com sete metros, sendo um metro dobrado, perfazendo um total de seis metros de fita fixados a um estilete de sessenta centímetros de comprimento". (GAIO, 1996, p. 176). Porém, de acordo com a mesma autora citada, trabalhar com a fita nesses moldes dificulta a prática pedagógica com a criança. Sugere-se uma adaptação do tamanho e dimensão para que a criança em questão possa realizar os movimentos adequadamente.

De acordo com Toledo (2004), o manejo da fita e suas variações são inúmeros, porém, serão citadas apenas as manipulações que se enquadram dentro da faixa etária estudada, e, portanto, utilizadas em nosso estudo.

- a) Serpentina: Pode ser executado com a fita no chão, à frente, ao lado e atrás do corpo, com amplitudes diferentes (longa e curta);
- b) Espiral: Fita à frente, ao lado e atrás do corpo em diferentes amplitudes (formando poucos ou muitos círculos), em volta do corpo;
- c) Circundar: Em diferentes planos, à frente, ao lado e atrás do corpo, sob o corpo, sob uma parte do corpo;
- d) Escapadas: Com uma mão, com as duas mãos, com diferentes amplitudes;
- e) Movimentar em oito: De joelhos, sentados, em pé, à frente, ao lado e atrás do corpo;
- f) Envolver o corpo: No corpo todo, no tronco, nos braços, nas pernas;
- g) Segurar a ponta da fita: Qualquer movimento que possibilite passar uma parte do corpo ou, todo ele, por dentro da fita.

De acordo com Toledo (2004), esses movimentos citados acima poderão ser combinados com algumas habilidades motoras e movimentos ginásticos, a seguir:

- Saltar: Lançando-a, circundando-a, passando sobre ou com escapadas;
 - Saltitar: Lançando-a, com serpentina ou circundando-a lateralmente;
 - Correr: Com serpentina, espiral ou escapadas;
 - Equilibrar: Com serpentina ou com espiral.
- Todos esses movimentos possíveis de serem executados com a fita são de extrema

importância nesse estudo, pois auxiliam a aquisição das habilidades motoras finas, que são essenciais no início da escrita da criança e cuja aquisição é de fundamental importância nesse período do desenvolvimento. Essa etapa do desenvolvimento está relacionada com o surgimento de múltiplas habilidades motrizes, tanto grossas como finas. (LE BOULCH, 1986 apud RODRIGUES, 1992).

De acordo com Saur (1970), na primeira parte da aula deverá haver os movimentos de locomoção com o objetivo de aquecer as crianças e despertá-las para a atividade. Em seguida deverá haver exercícios de formação corporal como: abaixar, levantar, elevar, encolher, estirar, torcer, circundar, inclinar, entre outros, além de exercícios para a educação do movimento que poderão ocorrer sob a forma de locomoção ou sem locomoção, ou seja, não há deslocamento, a pessoa permanece no lugar, movimentando somente membros e tronco em torno do eixo do corpo.

Na parte principal da aula deve-se associar atividades de locomoção com os movimentos não-locomotores, fazendo uso do material que no presente estudo é a fita. (SAUR, 1970)

Segundo Gallahue (2001), as crianças de 2 a 6 anos devem vivenciar experiências que favoreçam a exploração motora e atividades de resoluções de problemas para maximizar a criatividade da criança e o desejo desta de explorar.

O programa de educação motora deve incluir abundância de encorajamento positivo para promover o estabelecimento de um autoconceito saudável e reduzir o medo do fracasso. Ou seja, o professor deve estimular a participação infantil nas atividades, de forma a encoraja-la a participar das experimentações, mesmo que ela apresente dificuldades, pois através da vivência motora proposta, espera-se a criança possa adquirir autoconfiança para suas novas aprendizagens. Deve-se, ainda, favorecer o desenvolvimento de várias habilidades fundamentais locomotoras, manipulativas e estabilizadoras, descritas em Gallahue (2001), das mais simples às mais complexas à medida que a criança vai se tornando "apta". São necessárias muitas atividades designadas especialmente para melhorar o funcionamento perceptivomotor, assim fornecer inúmeras atividades que requeiram coordenação visual e manual e manuseio de objetos, no qual pode-se incluir a fita.

A criança alvo desse estudo encontra-se nos estágios Maduro (cinco ou seis anos) e Transitório (sete ou oito anos), na teoria de desenvolvimento motor proposta por Gallahue (2001).

Embora possa atrapalhar-se e falhar quando tentar dominar uma situação, isso porque o



controle motor refinado ainda não está totalmente estabelecido nessa fase, suas atividades ainda não se apresentam bem coordenadas e controladas, com desempenho mecanicamente eficiente, por isso, é fundamental que se explore o desenvolvimento dessas habilidades, no qual, um dos recursos utilizados poderá ser a fita.

Gallahue (2001), afirma que crianças de seis a dez anos devem ter oportunidades para que consigam refinar suas habilidades motoras fundamentais nas áreas de locomoção, manipulação e estabilidade, até o ponto em que estas sejam contínuas.

A criança nessa idade necessita de ajuda para fazer a transição da fase motora fundamental para a fase motora especializada. Atividades que proporcionem a exploração e experimentação pelo movimento de seus corpos, através de objetos do ambiente serve para melhorar a eficiência perceptivomotora; atividades que incorporam o uso de música e de ritmos também são agradáveis nesse nível e são valiosas para melhorar as habilidades motoras fundamentais; a criatividade e a compreensão básica dos componentes da música e do ritmo também são importantes e devem ser desenvolvidas.

Portanto, a fita poderá servir como instrumento para a refinação e estruturação de suas habilidades motoras fundamentais e transição para a fase motora especializada, além de aprimorar o tempo de reação que ainda é lento nessa fase, causando dificuldade com a coordenação visomotora e a coordenação entre os olhos e os pés no início desse período. (GALLAHUE, 2001).

De acordo com Rodrigues (1997), atividades prazerosas satisfazem a necessidade de movimento que a criança tem em grande potencial e também oferecem inúmeras possibilidades educacionais. Dessa forma, poder-se-á observar se há possibilidade educacional por meio de atividades com a fita, direcionadas à escrita, verificando um aproveitamento positivo para o desenvolvimento nessa fase escolar.

Le Boulch (1987) afirma que a habilidade manual poderá ser desenvolvida pela utilização da modelagem, do recorte, da colagem, por exercícios de dissociação ao nível da mão e dos dedos, como por exemplo atividades manuais com a fita, que também desenvolvem a habilidade motora fina da criança.

Ainda segundo Le Boulch (1987), é de suma importância trabalhar atividades desse tipo com a criança, para que, quando ela entrar no curso preparatório, tenha motricidade espontânea, rítmica, liberada e controlada, sobre a qual o professor poderá apoiar-se.

Completando as atividades próprias da Educação Física Escolar (desde a idade pré-escolar,



até o primeiro e segundo ciclo, que é o objetivo deste estudo) também se pode propor exercícios construídos com elementos, dentre eles a fita, visando à iniciação de técnicas elementares do movimento, como: tomada e transferência do peso do corpo, impulsos, movimento em ondas, giros, balanceio e educação do sentido rítmico, poderão, de forma lúdica, auxiliar a criança dessa fase no aprendizado da escrita através dos movimentos próprios da fita, que estimulam o desenvolvimento da habilidade motora fina. (RODRIGUES, 1997).

3 METODOLOGIA

Nesse estudo foram utilizados dois tipos de pesquisa: um levantamento bibliográfico e uma pesquisa quase experimental, na qual, embora não apresente distribuição aleatória dos sujeitos e nem grupos de controle, são desenvolvidas com bastante rigor metodológico. (GIL, 1999).

[...] a comparação entre as condições de tratamento e não tratamento pode ser feita com grupos não equivalentes ou **com os mesmos sujeitos antes do tratamento**. Naturalmente, perde-se a capacidade de controlar rigorosamente o que ocorre a quem. É possível, no entanto, observar o que ocorre, quando ocorre, a quem ocorre, tornando-se possível, de alguma forma, a análise de relações causa-efeito. (GIL, 1999, p. 69, grifo nosso).

Iniciou-se a pesquisa de campo realizando um teste escrito que envolveu a coordenação motora fina com o intuito de coletarmos informações sobre a grafia da criança. As atividades eram compostas de traçados baseados na obra de Le Boulch (1987):

- a) Transcrição de duas frases em letras de fôrma e de mão;
- b) Traçado do "8" no papel;
- c) Traçado da serpentina no papel;
- d) Traçado do espiral no papel;
- e) Traçado da onda no papel;
- f) Desenho de uma casinha.

Em seguida, foi elaborada uma proposta de trabalho com a utilização da fita, em que foram ministradas dezesseis aulas de quarenta e cinco minutos, as segundas e sextas feiras, utilizando-se do material "fita", no qual, trabalhou-se variados movimentos possíveis em combinação com deslocamentos, posições de equilíbrio e músicas.

No decorrer das aulas também se utilizou como instrumento do estudo o método de observação, no qual teve-se a oportunidade de presenciar a evolução de cada criança nas

atividades propostas com a fita, analisar seu comportamento diante dos demais colegas e conhecer seu histórico pessoal numa conversa informal com a professora de sala de aula, objetivando analisar o comportamento de cada criança nas atividades, no qual, Gil (1999) afirma que qualquer investigação em ciências sociais deve valer-se, em mais de um momento, de procedimentos observacionais. A presente pesquisa relaciona-se com as ciências sociais na medida em que busca análise de comportamento e aprendizagem, não estabelecendo um estudo de efeitos biológicos simplesmente. Estabelece-se a importância da Educação Física na escola.

Dessa forma, observou-se todo o processo de aprendizagem, pode-se fundamentar o antes e depois da pesquisa, afim de torná-la mais clara e precisa em seus resultados, uma vez que não se tem como controlar todas as variáveis, como por exemplo, as outras atividades que auxiliam na aquisição da escrita. As atividades que podem auxiliar no desenvolvimento da escrita são as que a professora de classe desenvolve com as crianças, como citado abaixo.

Após as dezesseis aulas, aplicou-se novamente o teste com o intuito de mensurar as possíveis contribuições antes e depois da intervenção.

A escola onde se realizou nossa pesquisa foi uma instituição municipal, localizada na cidade de Santo André, no estado de São Paulo. A escola não dispõe de aulas de educação física para os alunos do nível III, porém, a professora de sala desenvolve um trabalho diferenciado com os alunos que envolvem o teatro, musicalização, receita de alimentos, criação de codornas, rodas cantadas e brincadeiras populares. Não há como controlar a influência dessas atividades na escrita, mesmo porque não é o foco do presente estudo.

A pesquisa quase experimental foi realizada com crianças de ambos os sexos, sendo, trinta alunos de cinco a seis anos, no qual, dezessete crianças são do sexo masculino e treze crianças do sexo feminino.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Partindo-se do referencial teórico, serão apresentados os dados comparativos através do teste do traçado e da grafia da criança e o desempenho das crianças no decorrer das aulas de Educação Física com a fita.

	Sabem escrever em letras de forma e de mão	Não sabem escrever em letras de forma, mas sabem escrever em letras de mão	Não sabem escrever em letras de mão, mas sabem escrever em letras de forma	Alunos que ainda não sabem escrever
Antes	0	0	25	01
Depois	0	0	25	01

Tabela 1 - Transcrição das frases antes e depois das aulas ministradas com a fita

De acordo com os dados obtidos na tabela 1, na análise desta atividade, pode-se observar que nenhuma alteração ocorreu entre o antes e o depois das aulas com a fita. Esse resultado já era esperado uma vez que o tempo de duração das atividades manipulativas com a fita foram curtos para alcançar um objetivo como esse, que necessita de um trabalho a longo prazo. Na verdade, o intuito com essa primeira atividade foi observar a quantidade de crianças que sabiam escrever em letras de forma, mão ou que ainda não sabiam escrever e analisar se houve alguma melhora no traçado da grafia da criança.

	Melhoraram a grafia	Não houve mudanças significativas de melhora na grafia	Pioraram a grafia
Nº de crianças	11	10	5

Tabela 2 - Análise da grafia da criança na atividade 1 no antes e depois das aulas ministradas com a fita

De acordo com o que foi apresentada na tabela 2, nenhuma alteração significativa ocorreu na melhora da grafia das crianças. 42,31% dos alunos apresentaram uma melhora na escrita depois das aulas com a fita, 38,46% mantiveram a mesma grafia ou tiveram alterações não-significativas e 19,23% das crianças pioraram a sua grafia depois das aulas com a fita. Não se pode afirmar que esse resultado tenha sido decorrente das aulas, pois em quase 81% dos alunos o resultado se deu de forma positiva ou não apresentaram alterações durante o antes e o depois da atividade.

Acredita-se que uma das possíveis causas dos cinco alunos que pioraram a sua grafia após as aulas ministradas com a fita decorreu do fator ansiedade. No dia que reaplicamos a atividade, logo em seguida os alunos iriam dançar a pequena coreografia para a professora de sala assistir, e, talvez ficaram ansiosos em terminar logo a atividade para poderem ir para o pátio, uma vez que ao iniciar-se a atividade foi comentado que após a realização iríamos brincar com a fita e mostrar a pequena coreografia para a professora.



	Conseguiram	Não conseguiram
Antes	16	10
Depois	18	08

Tabela 3 - Análise do traçado do "8" antes e depois das aulas ministradas com a fita

Pode-se analisar na tabela 3 que dois dos 10 alunos que não conseguiram executar o oito antes das aulas com a fita, após as aulas conseguiram realizar o traçado de forma a cruzar as circunferências, ao invés de desenhar dois círculos unidos verticalmente.

É importante frisarmos que não se enquadra como alunos que conseguiram executar o movimento, as crianças que transcreveram o oito na horizontal.

	Conseguiram	Não conseguiram
Antes	17	09
Depois	21	05

Tabela 4 - Análise do traçado da "serpentina" antes e depois das aulas ministradas com a fita

Mesmo a serpentina sendo um dos movimentos com a fita que as crianças apresentaram mais dificuldades de execução, houveram alterações positivas nesse traçado. Acredita-se que a maior dificuldade na execução do manejo com a fita acabou fazendo com que o aluno prestasse mais atenção nesse movimento para executá-lo corretamente, fazendo com que conseguissem transferir esse aprendizado para o traçado da atividade da escrita.

	Conseguiram	Não conseguiram
Antes	17	09
Depois	22	04

Tabela 5 - Análise do traçado do "espiral" antes e depois das aulas ministradas com a fita

Como mostrado na tabela 5, o espiral também foi um movimento de difícil assimilação entre as crianças, assim como a serpentina. Pode-se observar que os resultados dos traçados do espiral e da serpentina do antes das aulas com a fita foram idênticos, mas, o resultado após as aulas foi mais significativo no traçado do espiral. É interessante observar que durante as aulas com a fita, os alunos encontravam mais dificuldades na execução da serpentina do que no espiral.

	Conseguiram	Não conseguiram
Antes	13	13
Depois	20	06

Tabela 6 - Análise do traçado da "onda" antes e depois das aulas ministradas com a fita



Na primeira atividade, onde foi solicitado aos alunos que continuassem o traçado da onda e, de acordo com a tabela 6, apenas 50% conseguiram realizar a atividade de acordo com o esperado, sendo esse o traçado que os alunos tiveram mais dificuldade de executar. Porém, ao comparar-se um resultado com o outro se pode observar que houve uma melhora de 27% após as aulas com a fita na execução desse traçado. Acredita-se que tal resultado decorreu do mesmo motivo que o traçado da serpentina, ou seja, a dificuldade na retenção do aprendizado levou as crianças a concentrarem-se mais no seu manejo com a fita. Ambos os movimentos são semelhantes na manipulação da serpentina, e, observando os traçados na atividade teórica, pode-se transferir esses traçados para a situação da aula com a fita, como se variasse somente as amplitudes dos movimentos. Movimento da serpentina, amplitude curta e o traçado da onda, amplitude longa.

	Fez o desenho	Não fez o desenho
Antes	22	04
Depois	25	01

Tabela 7 - Desenho da casinha

O objetivo dessa atividade foi mensurar a quantidade de alunos que se dispuseram a desenhar a casinha para, em seguida, analisar os desenhos do antes e depois das aulas com a fita e observar quais alterações houve no desenho e no traçado de cada criança.

Melhoraram	Não melhoraram
12	9

Tabela 8 - Análise do traçado e do desenho da casinha após as aulas ministradas com a fita

Para coletar esses dados levamos em consideração a segurança no traçado da criança, ao número de detalhes colocados (porta, janela, vaso de flor...) e quais dos desenhos assemelha-se mais com uma casa. Pode-se constatar que houve uma melhora no desenho de 46,15% dos alunos após as aulas com a fita.

Não se pode afirmar que seja a fita o principal responsável pela alteração positiva dos nossos resultados, afinal, fora do ambiente escolar desconhecemos as atividades que cada criança desempenha. Mas, no geral, considerando que as aulas com a fita foram uma atividade a mais na vida dessas crianças e levando em consideração todas as outras que elas já praticam e que nós desconhecemos, concluímos que a fita pode auxiliar na melhora da escrita da criança de uma forma lenta e gradativa, afinal, todos os resultados se apresentaram de maneira positiva quanto à melhora

do traçado da criança.

Observando-se que a Educação Física deve incluir em seus programas de ensino atividades variadas, como as do grupo das Ginásticas, a proposta apresentada vem de encontro às referências dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) da Educação Física, onde um dos blocos de conteúdo propostos refere-se aos esportes, jogos, lutas e ginásticas. (BRASIL, 1997).

Ao observar as crianças aula a aula, pôde-se concluir que as estratégias utilizadas foram motivantes e permitiram à criança estabelecer novos conceitos quanto à escrita, pois pelas observações feitas, a significativa melhora em tão pouco tempo vem atender ao paradigma ora estabelecido entre a Educação Física e a Alfabetização.

Como já foi dito acima, efetivamente não se pode considerar que a fita auxiliou totalmente na melhora da coordenação fina para a iniciação da escrita, mas, sem dúvida alguma, contribuiu para estabelecer novos referenciais de auxílio na escrita.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se considerar que a Educação Física tem seus próprios objetivos a cumprir. Mas, se pensarmos de uma forma interdisciplinar e multidisciplinar, a Educação Física tem seu papel muito claro quanto às contribuições para o início da escrita, nas habilidades manipulativas, transferindo à escrita um caráter lúdico e global.

Ao estruturarmos nossas aulas nos baseamos no levantamento bibliográfico sobre os teóricos da alfabetização, sobre as características do desenvolvimento das crianças de cinco a sete anos e sobre o material utilizado em nosso estudo, a fita, a fim de conhecermos bem o objeto estudado e suas possíveis influências.

No decorrer das aulas e analisando os resultados das tabelas, observou-se que este trabalho interdisciplinar poderá contribuir de maneira gradual para a aprendizagem da criança na escrita. Uma vez que as movimentações de punho necessárias para a execução fluente da escrita são muito semelhantes aos movimentos de punho para movimentar a fita, pudemos concluir como sendo de valiosa importância acrescentar aulas com a fita nas aulas de Educação Física, com o intuito de preparar e aprimorar a motricidade fina das mãos para o início e estruturação dos traçado da escrita.

Acredita-se que as crianças para aprender não precisam limitar-se somente às aulas dentro de sala, pois, de certa forma o trabalho muitas vezes torna-se cansativo para a criança que gosta e

precisa brincar. Devido a isso, professor de Educação Física poderá contribuir de maneira muito significativa para esse aprendizado da escrita com a fita se o mesmo estruturar suas aulas de maneira coerente com os objetivos e aplicá-los de maneira lúdica e descontraída, tornando o ambiente agradável para as crianças e deixá-las explorar e vivenciar os movimentos possíveis com o material de maneira prazerosa, ou seja, o aprendizado também através do lúdico.

Não se pode generalizar os fatos encontrados na pesquisa, ou seja, considerar que as aulas ministradas atenderam a uma necessidade da criança, pois sabemos que a mesma recebe estímulos de outros que podem contribuir para o processo de desenvolvimento da escrita, mas é importante salientar que em dezesseis aulas os alunos sofreram modificações positivas em seus traçados, levando-nos a crer que essa atividade a longo prazo poderá refinar ainda mais a sua habilidade motora fina tornando seus traçados mais precisos e seguros.

Sendo assim, pudemos perceber a fundamental importância de comprometimento do professor com as aulas que se ministra, fazendo com que as mesmas cumpram seu papel de atender as necessidades de cada faixa etária e as condições específicas de cada uma delas. Faz-se necessário uma Educação Física que trabalhe de maneira integrada com as outras disciplinas e que ao mesmo tempo crie condições para que estes possam se desenvolver da melhor maneira possível nas situações pertinentes ao "seu mundo" e que acima de tudo a prática seja agradável e prazerosa.

Através dos resultados observados nessa pesquisa, acreditamos ser de suma importância que exista a preocupação de integrar a proposta pedagógica da escola, em relação a aprendizagem da escrita com aulas de Educação Física com a fita, como sendo mais um recurso mediador dessa aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. vol. 7. Brasília: SEE/ MEC, 1997.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 3.
- FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, J. B. O construtivismo e o sóciointeracionismo: as outras áreas do conhecimento, educação física. In: ALVES, M. L. (Coord. Geral). **Alfabetização: passado, presente, futuro**. 2.ed. São Paulo: FDE, 1994. (série IDÉIAS), v. 19. cap. 1, p. 91-96.



- GAIO, R. **Ginástica rítmica desportiva popular: uma proposta educacional**. São Paulo: Robe, 1996.
- GALLAHUE, D. L. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. Tradução: Maria Aparecida da Silva Pereira Araújo. 1. ed. São Paulo: Phorte, 2001.
- GALLARDO, J. S. P.; OLIVEIRA, A. A. B. de; AVERENA, C. J. O. **Didática e educação física: a criança em movimento: jogo, prazer e transformação**. São Paulo: FTD, 1998.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- LE BOULCH, J. **Educação psicomotora: a psicocinética na idade escolar**. Tradução: Jeni Wolff. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- LIMA, E. S. A construção de conhecimento na escola: pontos para reflexão. In: ALVES, M. L. (Coord. Geral). **Alfabetização: passado, presente, futuro**. 2. ed. São Paulo: FDE, 1994. (série IDÉIAS), v. 19. cap. 1, p. 67-95.
- PINO, A. Do gesto à escrita: a origem da escrita e sua apropriação pela criança. In: ALVES, M. L. (Coord. Geral). **Alfabetização: passado, presente, futuro**. 2. ed. São Paulo: FDE, 1994. (série IDÉIAS), v. 19. cap. 1, p. 97-108.
- RODRIGUES, M. **O desenvolvimento do pré-escolar e o jogo**. São Paulo: Ícone, 1992.
- _____. **Manual teórico-prático de educação física infantil**. São Paulo: Ícone, 1997.
- SAUR, E. **Ginástica rítmica escolar**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1970.
- TOLEDO, E. A ginástica rítmica e artística no ensino fundamental: uma prática possível e enriquecedora. In: MOREIRA, E. C. (org.). **Educação física escolar: desafios e propostas**. 1. ed. Jundiaí, S.P. Fontoura, 2004.

Recebido em 11/10/2005 (1ª versão); 10/04/2006 (2ª versão); 15/05/2006 (3ª versão)

Aprovado em 03/07/2006





QUALIDADE DE VIDA E AVALIAÇÃO FÍSICA EM INTOXICADOS POR MERCÚRIO: ESTUDO OBSERVACIONAL TRANSVERSAL DESCRITIVO

Fabrizio Boscolo Del Vecchio*

RESUMO

Uma das agressões à biologia humana que desafia a relação saúde-doença no âmbito coletivo do mundo do trabalho é constituída pela contaminação do mercúrio metálico (Hg) em nosso meio. Ela se dá através da aspiração dos vapores, ingestão de pequenas quantidades ou mesmo pelo contato dérmico. Objetivou-se com o presente estudo explorar o desenvolvimento de linha de pesquisa pioneira em nosso meio de aplicação da atividade física sistemática para a reabilitação de trabalhadores intoxicados ocupacionalmente com mercúrio na Grande São Paulo - SP. Especificamente, tratou-se de mensurar possíveis alterações existentes no interior dessa população quanto à qualidade de vida e capacidades físicas. Para tal, formou-se grupo de pesquisa composto por 14 mulheres e 33 homens, de 21 a 57 anos de idade, com média de 41,7 ($\pm 8,0$), trabalhadores urbano-industriais da Grande São Paulo, intoxicados por Hg. Procedeu-se anotação das queixas clínicas dos doentes através de solicitação dirigida não indicativa em procedimento de consulta médica, aplicação de questionário de qualidade de vida (QV), o SF36, bem como realização de avaliações referentes à força muscular, que geraram o índice motor (IM), coordenação motora de membros superiores e inferiores e equilíbrio estático e dinâmico. Os resultados obtidos são indicados no plano descritivo através de distribuição de frequência com medidas de centralidade e de posição; as inferências foram testadas pela prova de qui-quadrado e pela correlação linear de Spearman. Para a Regressão Múltipla, procedeu-se análise dos valores absolutos das variáveis dependentes (domínios do SF36), levando-se em consideração as independentes, idade, sexo, força muscular, coordenação motora e equilíbrio. Adotou-se $p < 0,05$ como nível de significância. Constata-se que a percepção subjetiva da QV é inferior às de outros grupos populacionais em que o referido instrumento tem sido aplicado. Embora situações com relevante déficit funcional tenham ocorrido, não foram encontradas de forma sistemática nesta investigação. Em geral, pode-se apontar que os participantes não apresentam prejuízos destacados nas origens nervosas e conseqüentes inervações musculares, expressam boa quantidade de força para os testes executados e IM de 96; com relação às diferenças de gênero para esta prova, os homens demonstraram significativa superioridade, observou-se adicionalmente que pessoas com maiores idades têm menores escores nos testes e IM inferior. Acerca da coordenação motora, identificou-se baixo desempenho em apenas três das 36 provas adotadas, sendo que o melhor nível de rendimento foi acompanhado em 85,63% dos casos. A respeito do equilíbrio, deficiências estão presentes em nove das 13 avaliações, no entanto, 95,42% das respostas estão dentro da normalidade. Encontrou-se forte interação entre força muscular e domínios propostos pelo SF36, em especial no sexo masculino. A coordenação motora se mostrou relevante para a Vitalidade e a capacidade de equilíbrio apresenta relação negativa com alguns domínios do componente mental.

Palavras-chave: Intoxicação por mercúrio. Atividade Motora. Epidemiologia.

Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Educação Física - UNICAMP. Área de Concentração: Ciências do Desporto, 01 de junho de 2005. E-mail: fabrizio_boscolo@uol.com.br

LAZER MEIO AMBIENTE: EM BUSCA DAS ATITUDES VIVENCIADAS NOS ESPORTES DE AVENTURA*

Mirleide Chaar Bahia/GPL-UNIMEP**

Tânia Mara Vieira Sampaio (Orientadora)/ GPL-UNIMEP***

O aumento significativo da busca dos esportes de aventura, vem causando preocupação em relação aos procedimentos adotados por seus praticantes e pelo Poder Público. Considera-se, entre as preocupações, a utilização do lazer enquanto mercadoria, e o uso indiscriminado e mal planejado do meio ambiente natural, provocando não raras vezes impactos sócio-ambientais desastrosos. O objetivo do presente estudo, foi o de verificar as diversas interfaces subjacentes à relação da prática do lazer sob a forma de Esportes de Aventura e o meio ambiente no contexto contemporâneo. Para tanto, foi fundamental articular as contribuições de diversos autores e autoras (estudiosos da referida temática), com a identificação das atitudes que têm permeado a experiência das pessoas praticantes de esportes de aventura, no sentido de compreender tais atividades; caracterizar algumas motivações e comportamentos vivenciados por seus praticantes e apontar algumas perspectivas de uma prática de lazer na natureza que traga atitudes mais humanas e conscientes aqueles que se dedicam a essas práticas. A pesquisa teve um caráter qualitativo, e a metodologia combina pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. A técnica empregada foram as entrevistas semi-estruturadas realizadas no Município de Brotas/SP tendo em vista ser um município onde a prática desses esportes é intensa aplicadas a 19 praticantes de esportes de aventura. Os resultados demonstram que as atitudes ainda estão bastante fundadas em entendimentos ingênuos e equivocados sobre aspectos relacionados à vivência do lazer em áreas naturais; ainda é possível verificar atitudes compensatórias, num comportamento de fuga das dificuldades vividas no cotidiano de cada indivíduo e a falta de compreensão das possibilidades ampliadas de vivência de novos valores, que possibilitem a convivência com a natureza e com seus pares. Para uma mudança de atitude efetiva, é preciso compreender alguns aspectos essenciais: a compreensão de que o lazer é um direito social; a possibilidade de participação popular na construção coletiva de políticas de lazer; a democratização cultural, com a elaboração de políticas que dêem acesso a todos, de forma equitativa e dos vários conteúdos culturais do lazer; a minimização das barreiras sócio-culturais que impedem ou diminuem o acesso aos espaços e aos programas de lazer; a luta por políticas de reordenação do tempo; a busca da democratização dos espaços nas cidades e em áreas naturais; a educação pelo e para o lazer, em busca de vivências que modifiquem os valores vigentes e vislumbre uma transformação nas atitudes pessoais e sociais, e conseqüente mudança do *status quo*; a qualificação na formação profissional, de forma a possibilitar uma atuação consciente e comprometida com valores crítico-criativos para uma ação cultural diversificada e coerente; a construção e manutenção de equipamentos de lazer nos centros urbanos e em áreas de proteção ambiental destinadas ao uso público com fins turísticos e

* Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP/2005.

** mirleide@superig.com.br

*** tsampaio@unimep.br

recreativos; compreensão de que o elemento "aventura" pode ser uma importante ferramenta educacional; desenvolvimento de um ecoturismo e turismo de aventura, voltados à efetiva busca da sustentabilidade; articulação da administração local com as Confederações, Federações e Associações dos esportes realizados na natureza.

Palavras-chave: Lazer. Meio Ambiente. Esportes de Aventura.

resumo

Corpoconsciência, revista de educação física, esporte e lazer, é uma publicação mensal da Associação Brasileira de Educação Física (ABEF), fundada em 1974, com o objetivo de promover a discussão e a reflexão sobre os aspectos teóricos e práticos da educação física, do esporte e do lazer.

RESENHA

Corpoconsciência, revista de educação física, esporte e lazer, é uma publicação mensal da Associação Brasileira de Educação Física (ABEF), fundada em 1974, com o objetivo de promover a discussão e a reflexão sobre os aspectos teóricos e práticos da educação física, do esporte e do lazer.

resumo



RESENHA DO LIVRO: VIAGENS, LAZER E ESPORTE: O ESPAÇO DA NATUREZA

Autores: Alcyane Marinho e Heloisa Turini Bruhns (Orgs.)

Editora: Manole

Barueri, SP, 2006

Ricardo Ricci Uvinha*

Já em 2002 a prática de atividades físicas de lazer na natureza foi academicamente explorada em obra organizada pelas autoras Alcyane Marinho e Heloisa Turini Bruhns, em "Turismo, lazer e natureza" (Editora Manole). A publicação teve um considerável impacto no meio acadêmico nacional, pela qualidade nas argumentações proferidas por os autores em sua maioria nacionais (na ocasião apenas um internacional).

Nessa segunda publicação, novamente assinada pelas duas organizadoras e veiculada nesse ano de 2006, verifica-se uma intenção imediata em articular o saber produzido sobre a tríade lazer-aventura-natureza com autores internacionais. Assim, reconhecidos colaboradores da Inglaterra, França, Austrália e Espanha, foram incluídos em *Viagens, Lazer e Esporte*.

De forma geral, além da variedade proposta em enfoques a partir de autores presentes em distintos países, é também notória a multiplicidade de abordagens sob o qual a natureza é compreendida, seja pela educação física, turismo, geografia, biologia, pedagogia, dentre outras, o que em si já contribui para que essa publicação seja incentivada a leitura por acadêmicos de distintos cursos superiores no país.

O livro é iniciado pelo capítulo "Lazer, natureza, viagens e aventuras: novos referentes", em que Alcyane Marinho reflete sobre o lazer e sua relação com a contemporaneidade. Tal prerrogativa remete na necessidade de uma reflexão sobre o papel da globalização em maior instância e o elemento consumo a ela atrelado, onde certas atividades como as corridas de aventura são produzidas num ambiente em que a imprevisibilidade é somada a uma égide da disciplina, do controle, e evidentemente do consumo de produtos voltados a esse grupo. Tal fato não denota necessariamente que este e demais grupos associados à prática da aventura na natureza sejam meramente passivos e alienados, mas reforça a necessidade segundo a autora de ser repensada a relação do lazer com o turismo para além de uma abordagem meramente

*Autor dos livros "Juventude, lazer e esportes radicais" (Editora Manole, 2001) e "Turismo de aventura: reflexões e tendências" (Editora Aleph, 2005) é atualmente professor doutor e pesquisador do Bacharelado em Lazer e Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo - USP - Email: uvinha@usp.br

quantitativa, visto a especial oportunidade nessa relação em se verificar uma cultura própria, recheada de valores e ética e que em si podem contestar os valores capitalistas dominantes numa sociedade globalizada como a nossa. Atividades como o rafting, o snowboarding e surf são abordadas no intuito de buscar uma compreensão mais apurada da relação do praticante com os elementos naturais, em que as relações interpessoais e com a natureza podem suscitar uma real oportunidade de ressignificação das práticas cotidianas em uma sociedade cada vez mais uniformizada pelos elementos globalizantes.

O capítulo dois é assinado por Heloisa Turini Bruhns, intitulado *Ecoturismo e caminhada: na trilha das idéias*. Texto anteriormente divulgado em um periódico científico nacional e naquela oportunidade com interessante repercussão acadêmica nas discussões a partir dele veiculadas¹. Recebe no trabalho uma especial análise sobre a caminhada, elemento sensível e pessoal como opção ao consumo imediato verificado em modalidades em que a instantaneidade das ações se faria mais presente, como a descida de corredeiras de rios em botes infláveis. Assim, com base numa fundamentação em autores como Maffesoli e Hillman, a caminhada é postada pela autora como uma experiência motora em que uma conotação política pode também ser associada, visto que nela reside a interessante possibilidade de se diferenciar do ritmo mecânico imposto pelas cidades. A fugacidade típica associada ao tempo linear vivida numa sociedade como a nossa atual pode ser contrastada com a possível reflexão sobre a vida proporcionada pela ato de caminhar, atividade essa repleta de sentidos e de relações com os fenômenos sociais de uma certa forma obscurecidos.

O texto *Aventuras de lazer na natureza: o que buscar nelas?* marca o terceiro capítulo do livro, de autoria de Giuliano Gomes de Assis Pimentel. O autor discute significados angariados a partir de uma ampla revisão de literatura e também de exemplos do campo, relacionados a distintas vivências de atividades de lazer em ambientes naturais e expondo a partir daí possibilidades e limites dessas práticas. No decorrer do texto, são analisados termos distintos atribuídos às atividades na natureza, desde referências a esportes de aventura, californianos, alternativos e radicais até as ditas atividades físicas de aventura na natureza (AFAN), este último termo preferido pelo autor por sua relação com o ecoturismo e sem necessariamente depender de uma codificação esportiva. Desenvolve-se ao longo do texto elementos

¹Tal texto foi a base de um Colóquio realizado pela universidade UNIBERO, em maio de 2005 em São Paulo, em que estiveram presentes na mesa a autora e um debatedor convidado.

questionadores de uma relação por vezes moralista e consumista do lazer com a natureza sob a lógica operante do mercado, numa "ecocontradição" na vivência de atividades atreladas à indústria do entretenimento, simuladas até mesmo em ambientes naturais em que se procurar artificializar uma experiência que outrora era somente possível de encontrar em bases mais rústicas. Mesmo entendendo que as AFAN estejam suscetíveis ao que chama do "kit adrenalina" (consumo de equipamentos recheados de tecnologia e vestuários e técnicas típicas), seria reducionista implicá-las somente ao mero consumo visto sua rica capacidade de exprimir uma riqueza de sensações relacionadas a si mesmo e ao grupo e a expoente possibilidade de utilizá-las como instrumento a serviço da qualidade de vida e da relação meio ambiente-saúde.

A autora inglesa Bárbara Humberstone se encarrega do quarto capítulo, "Recriação e conexões na - e com a - natureza: sintetizando a praxe e os discursos ecológicos e feministas". Neste, reclama por uma relação dos movimentos ditos "ecofeministas" com os discursos imbricados nos conceitos de natureza e esportes, já que notórias questões críticas feministas surgiram em resposta a um discurso acadêmico masculinista presente sobretudo na sociologia do esporte das décadas de 1970 e 1980. Apesar do relevante movimento, que expuseram um nítido predomínio masculino em exposições esportivas permeadas por força física e competitividade, rebate a autora que em poucas dessas críticas estavam referenciadas de fato às relações da prática dos esportes no meio ambiente. Reconhece que também os esportes na natureza podem ressaltar a hegemonia masculina em ambientes por vezes fundados na luta e tensão, contudo seus valores associados à experimentação e cooperação põem-se como resposta no sentido de se consubstanciar como uma excelente ferramenta em busca de uma consciência mais apurada, aproximando os humanos e lançando uma semente rumo à sensibilidade ética e ambiental.

No quinto capítulo, "Risco e lazer na natureza", o antropólogo francês David Le Breton ressalta que é típico da sociedade ocidental o apego a atividades físicas e esportivas em que haja a proximidade com o limite máximo da sobrevivência. Atentas a essa paixão pelo risco, empresas patrocinam expedições e agências passam a fomentar um mercado procurando atender a uma demanda específica. O autor verifica, em especial a partir de números na França, a expressiva quantidade de acidentes fatais provenientes dessas práticas, que nem por isso diminuem o fluxo desses desbravadores da natureza. A proposição que em parte explicaria a crescente aderência estaria numa busca da humanidade por emoções que contrastem com a falta de estímulos e emoção proporcionadas por uma sociedade revestida por regulamentos e conforto técnico. Lutar

contra o próprio corpo, em provas de incrível durabilidade e exarcebação dos limites como o alpinismo e o canyoning, leva o adepto dessas atividades radicais a se aproximar de um conceito resgatado pelo autor como sendo o de *wilderness*, um mundo em que o indivíduo procura se tornar digno e com legitimidade de existência mediante a vivência de atividades físicas ambientadas no meio natural, vencendo obstáculos e sobrepujando suas competências.

"Lazer, natureza e amizade: formas de subjetivação na modernidade tardia" é o texto de Sandoval Villaverde Monteiro, capítulo 6 do livro. Neste, desenvolve como premissa a prática corporais de atividades de aventura na natureza como um profícuo terreno para uma nova configuração das formas de se relacionar consigo mesmo e com o outro, na busca de uma conduta mais criativa e ética com um mundo em contínua transformação. Para fundamentar tal premissa, resgata autores que refletem sobre o impacto da modernidade na vida cotidiana e nos processos de subjetivação, em que o mundo contemporâneo impõe a necessidade de pensar seus indivíduos e instituições a partir de uma construção com características reflexivas e complexas. Sob esse cenário, é refletido o lazer como um instrumento fértil de contraposição a valores impostos por uma lógica dominante, estando assim em seu seio transformador uma real possibilidade pela fruição do lúdico em uma experiência associada à liberdade e a amizade, características segundo o autor bastante presentes em atividades como o montanhismo e demais práticas corporais de lazer na natureza.

Jackie Kiewa, educadora australiana, é responsável pelo sétimo capítulo, "Reescrevendo o script heróico: relacionamentos na escalada". A autora, escaladora há mais de vinte anos em vários pontos temáticos no mundo, retrata no texto uma análise sobre os atributos que denotam um certo heroísmo e remetem a uma identidade justamente nos praticantes dessa modalidade. Por meio de uma análise fundada na teoria da ação comunicativa, implica que o lazer em geral e a escalada em particular podem fornecer uma conjuntura em que se incentiva um estilo alternativo de comunicação que não somente se refira ao pensamento individualista e autodeterminado do escalador, mas sim na ampla possibilidade desta modalidade fortalecer os laços de amizade a partir de uma prática em equipe e com coexistência de relacionamentos significativos. Os resultados da sua pesquisa, realizados com escaladores australianos de ambos os gêneros (masculino e feminino), retratou ser o estilo de vida desses praticantes baseados num certo heroísmo, embora esse elemento seja reconstruído quando na prática da modalidade por tematizar uma proteção do ambiente natural e uma reconciliação da ação com o relacionamento, seja consigo mesmo ou com

o outro no grupo de praticantes. A atratividade pela escalada é também retratada como algo significativo resultante da pesquisa, para ambos os gêneros, e sua prática pode simbolizar uma atuação na natureza como protagonizadores em papéis de liderança e espírito de equipe transcendendo a dinâmica da vida cotidiana.

No último capítulo, "Proposta pedagógica para as atividades físicas de aventura na natureza (AFAN) na educação física do ensino médio, os autores espanhóis Javier Olivera Bétran e Alberto Oliveira Bétran desenvolvem uma correlação da categoria que passam a intitular de AFAN - a que segundo eles os meios de comunicação social denominam como sendo esportes radicais - com o elemento educação, ressaltando as propriedades pedagógicas na aplicação dessas atividades no ambiente escolar. Apesar do número de acidentes ser muito baixo na realidade em que os autores vivem, estes enfatizam ser um tanto difícil a implantação das AFAN no âmbito educativo justamente pela sugestão ao risco que as mesmas denotam. Por outro lado, mostram que em muitas escolas espanholas, em especial no ensino médio, o método vem se tornando altamente aplicável por levar o aluno a ter contato com práticas dotadas de sensações prazerosas e em contato com o meio ambiente. Assim, propõem uma matriz curricular geral das AFAN, adaptando-a em termos conceituais, procedimentais, atitudinais e estéticos aos alunos de Educação Física de 12-16 anos, considerando que tais práticas assumem um contexto vital na formação dos alunos nesse nível de ensino formal por colaborar intimamente com a formação da personalidade dos mesmos e por permitir uma reflexão crítica e criativa de seus papéis na sociedade.

Por mérito de suas organizadoras e colaboradores, esta publicação assume assim, de forma variada, criativa e reveladora de distintos países e culturas, um papel decisivo em estimular os estudos voltados as atividades físicas praticadas na natureza no Brasil, sendo fundamental como elemento bibliográfico na construção de uma literatura temática a esse assunto em evidente ascensão na realidade nacional.

Recebido em 26/06/2006

Aprovado em 31/07/2006

Apresentamos a seguir as normas de publicação de trabalhos da Revista Corpoconsciência, que também se caracterizam por uma apresentação da mesma.

1- Regulamento geral para os trabalhos

1.1 O trabalho deve possuir um "teor" (fundamentação e argumentação) científico, nas áreas da Educação Física, Turismo, Fisioterapia e Nutrição.

1.2 Solicita-se que esteja claro no texto as seguintes estruturas: o objetivo, a justificativa, sua relevância para a área, a metodologia utilizada, os resultados obtidos (apresentação e análise ou reflexões que apontam para propostas) e as referências. Esta norma somente não é válida para as seções Resenhas e Ponto de Vista.

1.3 O trabalho enviado deverá estar digitado no programa Word (em qualquer versão), em fonte Arial, tamanho 12, com espaçamento entre linhas duplo, numa única cor (preta), em folha modelo A4, com configuração de margens: esquerda e superior 3,0, e as demais, direita e inferior 2,0.

1.4 A página-rostro da proposta de publicação deverá conter o título em português e logo abaixo em inglês (centralizados, em letra maiúscula e em negrito), seguido do(s) nome(s) completo(s) do(s) autor(es) e a(s) respectiva(s) titulação(ões) (área e instituição), uma instituição de docência atual (de cada autor), um endereço, telefone e e-mail para contato. Cada item destes, com exceção dos títulos, deve estar numa linha, com alinhamento à esquerda.

1.5 A apresentação do texto (artigos, iniciação científica) deverá ser da seguinte forma, nesta ordem:

título em português (centralizado, em letra maiúscula e em negrito);

nome(s) do(s) autor(es) (com alinhamento à direita), com a inserção de uma nota de rodapé para cada um, onde constará os dados sobre: a *formação profissional* (área e instituição) e sobre a *atuação docente* (uma instituição e um grupo de pesquisa), *órgão de fomento* que financia a pesquisa (caso haja) e e-mail de contato;

título resumo (alinhado à esquerda, em letra maiúscula e em negrito);

o texto do resumo, sem parágrafo, com no máximo 250 palavras e os quatro unitermos ou *palavras-chave* (em separado, na última linha do resumo, com título em negrito);

as mesmas normas do resumo se aplicam ao *abstract* (exigido somente nos artigos), antecedido do título do texto em inglês (centralizado, em letra maiúscula e em negrito) digitado em

espaçamento simples;

título do texto novamente (centralizado, em letra maiúscula e em negrito);

corpo do texto.

1.6 Não deverá haver imagens coloridas (fotos, gravuras, quadros, etc), somente com variações de tonalidades e contraste ("texturas") entre branco e preto;

1.7 É imprescindível que o trabalho siga as normas de publicação científica da ABNT atualizadas.

2. Regulamento específico para cada seção*

2.1 Editorial: expressa a posição da comissão editorial científica sobre assuntos relacionados com o movimento humano e apresenta o conteúdo de cada número da revista. Esta seção, portanto, é restrita à comissão da revista.

2.2 Artigos: reservada a artigos científicos, que podem ser de autoria de no máximo 6 autores, possuindo no mínimo 10 páginas e no máximo 20.

2.3 Iniciação Científica: destinada a trabalhos científicos concluídos de alunos de graduação em Educação Física, que estão inscritos em programas de Iniciação Científica (públicos ou privados). O texto deve possuir no máximo 15 páginas.

2.4 Produção Acadêmica: reservada a resumos de teses, dissertações e monografias, que tenham sido publicadas (defendidas) num prazo de 5 anos. O resumo deve ser de no máximo 1 página.

2.5 Resenhas: resenhas de livros, teses e outros trabalhos científicos.

2.6 Ponto de Vista sobre a Educação Física: reservada a temas polêmicos da Educação Física, elaborada por autores da área, que são convidados pela comissão editorial científica da revista.

3. Regulamento para encaminhamento e análise

3.1 Conforme observado anteriormente, somente é possível o encaminhamento de trabalhos para publicação nas seções: Artigos, Iniciação Científica, Produção Acadêmica e Resenhas.

3.2 O trabalho deverá ser enviado à revista, pelo correio em duas cópias impressas e com um disquete identificado, ou por e-mail, com uma carta de apresentação do autor, constando a seção de interesse da publicação.

3.3 A secretaria da Revista irá contatar um dos autores via e-mail, pelo endereço indicado no trabalho, num prazo de uma semana, a partir do dia do recebimento do trabalho, enviando uma carta modelo de resposta, confirmando o encaminhamento à comissão editorial científica. Caso

* As seções da revista em algumas edições podem ser "móveis", pois sua existência se dá de acordo com a demanda de trabalhos recebidos e com suas respectivas aprovações.

não haja o recebimento da resposta, contatar a FEFISA por telefone.

3.4 A comissão Científica Editorial enviará ao autor um parecer sobre o trabalho, indicando: a aprovação, a sugestão de alterações para publicação ou a reprovação.

3.5 Ao entregar seu texto para posterior publicação, o autor estará cedendo os direitos autorais para a revista.

3.6 As propostas de publicação deverão ser endereçadas à FEFISA – Faculdades Integradas de Santo André à Rua Clélia, 161, Vila Pires, Santo André, Tel.: (11) 4451.0700, CEP 09130-010, e-mail: revista@fefisa.com.br.

4. Normas e critérios de análise para aprovação

4.1 O texto é analisado pela Comissão Editorial Científica da Revista, que é composta por dois professores da área, sendo que caso seja necessário, esta mesma comissão solicita uma análise de um professor do Conselho Editorial, especialista na sub-área abordada no texto.

4.2 Na avaliação do texto são analisados os seguintes critérios:

- o cumprimento das normas e regulamentos específicos solicitados pela Revista (itens 1, 2 e 3);
- coerência entre os objetivos, justificativa, metodologia e fundamentação teórica;
- rigor científico nos procedimentos metodológicos e na exposição dos resultados ou reflexões;
- ética;
- clareza e linguagem acadêmica.

4.3 O autor recebe, por e-mail, um parecer detalhado da Comissão Editorial Científica da Revista, que justifique o enquadramento do texto nas categorias já mencionadas: aprovação, aprovação mediante alterações ou reprovação. Juntamente com este parecer, especifica-se qual o prazo final para a entrega do texto com as devidas alterações.

Caso haja alguma dúvida sobre o regulamento da revista, ou mesmo se alguma indicação, sugestão ou crítica, fazer contato por e-mail.

Atenciosamente,

Comissão Editorial Científica
da Revista Corpoconsciência



ASSINATURA DA REVISTA CORPOCONSCIÊNCIA

Para assinar a revista Corpoconsciência basta depositar o valor correspondente à assinatura escolhida na conta 12.051-0, da agência 0561 do Banco Itaú, em nome da FEFISA – Centro Educacional “João Ramalho” S/C Ltda. Envie cópia do recibo de depósito, juntamente com esta ficha abaixo preenchida, para a FEFISA – Faculdades Integradas de Santo André, à Rua Clélia, 161 – Vila Pires – Santo André – SP – CEP. 09130-010. Se preferir, poderá enviar a ficha e o recibo de depósito pelo Fax: (011) 4451-0700 ramal: 39. Em caso de dúvida favor entrar em contato pelo telefone (011) 4451-0700; ou consultar os seguintes endereços:

E-mail: revista@fefisa.com.br

SITE: www.fefisa.com.br

Ficha de inscrição para Assinatura



Unidade R\$10,00

Assinatura anual (2 números) R\$18,00

Assinatura bianual (4 números) R\$36,00

Nome		
Endereço		
Bairro	Cidade	Estado
CEP	Telefone	
Local de envio da revista		
Opção de assinatura da revista		Data
Assinatura do proponente		